

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

GEORGIA ROLIM DA SILVA

FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO: UM PASSEIO PELOS
ELEMENTOS CULTURAIS DA FESTA

RECIFE – PE

2025

GEORGIA ROLIM DA SILVA

**FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO: UM PASSEIO PELOS
ELEMENTOS CULTURAIS DA FESTA**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado
Profissional em História, da Universidade Católica de
Pernambuco, como requisito para a obtenção do título
de Mestre em História.

Orientadora: Prof. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos
Santos.

S586f Silva, Georgia Rolim da.

Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio : um passeio
pelos elementos culturais da festa / Georgia Rolim da Silva, 2025.

120 f. : il.

Originalmente apresentado como Relatório Técnico de
Mestrado Profissional em História.

ISBN XXX-XX-XXX-XXXXX-X

1. História - Estudo e ensino. 2. Patrimônio cultural - Ceará.
3. Religião. 4. Religiosidade popular. 5. Festas populares.

I. Título.

CDU 372.893

Luciana Vidal - CRB4/1338

FOLHA DE APROVAÇÃO

GEORGIA ROLIM DA SILVA

FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO: UM PASSEIO PELOS ELEMENTOS CULTURAIS DA FESTA

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em História, da
Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de
Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 LIDIA RAFAELA NASCIMENTO DOS SANTOS
Data: 12/12/2025 19:25:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos- UNICAP
(Orientador)

Documento assinado digitalmente
 ZULEICA DANTAS PEREIRA CAMPOS
Data: 22/12/2025 14:38:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos – UNICAP
(Examinador Interno – Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP)

Documento assinado digitalmente
 CÍCERA PATRÍCIA ALCÂNTARA BEZERRA
Data: 16/12/2025 09:49:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Cícera Patrícia Alcântara Bezerra – IPHAN
(Membro Externo)

Recife, _22_ de _setembro_ de _2025_.

Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro.

Albert Camus

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e sabedoria que me sustentaram ao longo desta jornada acadêmica, sem Sua Concessão certamente não teria chegado até aqui.

In Memoriam, ao meu querido pai, tenho plena certeza de que ele encontra-se realizado com a minha conquista, por ter sido o maior incentivador dos meus estudos e seu apoio foi fundamental para que eu buscasse sempre o melhor para a minha vida.

Ao meu esposo que além de me apoiar com gestos e ações cuidou tão bem do nosso bebê, enquanto eu viajava para assistir as aulas do Mestrado, ao meu irmão Jeferson que desde o início acreditou na minha aprovação e me incentivou a buscar a realização desse grande sonho, a minha mãezinha que sempre me colocava em suas orações e me confortava quando eu estava cansada dos desafios que surgiam ao longo do caminho.

Aos meus filhos, Évila Vitória e Vitor Gabriel que são a minha maior inspiração e motivação, obrigada por compreenderem as minhas ausências e por me motivarem a seguir em frente.

Aos meus amigos e familiares, especialmente ao meu amigo de turma, Tiago Santos, por todo o seu apoio e parceria e a todos aqueles que estiveram presentes durante minha trajetória acadêmica, meu sincero obrigado. Suas palavras de encorajamento e gestos de apoio foram essenciais para que eu pudesse alcançar esta conquista.

Em especial, à minha orientadora, Lídia Rafaela, devo imensa gratidão. Seu compromisso, orientação e incentivo foram fundamentais para que eu pudesse crescer acadêmica e pessoalmente. Sua dedicação e conhecimento foram fontes inesgotáveis de inspiração.

Este sucesso é resultado de um esforço coletivo e quero compartilhar essa vitória com todos vocês. Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho demonstra uma pesquisa desenvolvida em formato de roteiro pedagógico elaborado para auxiliar professores, especialmente da rede pública de ensino, na abordagem da história, das transformações e das manifestações culturais que compõem a tradicional Festa do Pau da Bandeira, realizada em Barbalha, Ceará. Com base em estudos e análises de historiadores e pesquisadores, o material apresenta um panorama histórico e cultural detalhado, buscando valorizar o patrimônio material e imaterial da cidade e estimular o reconhecimento da identidade local pelos alunos. O roteiro foi construído a partir de referências de renomados estudiosos da região e da festa, como Simone Pereira da Silva, José Ítalo Bezerra Viana, Ruth Rodrigues Santos, Josier Ferreira da Silva, Cícera Patrícia Alcântara Bezerra e Luiz Mott, entre outros. Esses trabalhos serviram de base para contextualizar historicamente a celebração, compreender seus usos do passado e analisar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, especialmente no século XXI, quando a festa recebeu importantes reconhecimentos oficiais, como o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil do ano de 2015. O material está organizado em diferentes partes que conduzem o leitor a um passeio histórico e cultural. Inicialmente, apresenta Barbalha e suas características, situando a cidade como palco de uma das maiores manifestações culturais e religiosas do Ceará. Em seguida, aprofunda-se na Festa do Pau da Bandeira, destacando sua origem, transformações, elementos simbólicos e papel na construção da identidade barbalhense. O roteiro inclui um mapa ilustrativo com pontos estratégicos de visita, como o Sítio Flores/São Joaquim (local do corte do mastro), a Igreja Matriz de Santo Antônio, a Biblioteca Municipal e a União das Associações de Barbalha, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Escola de Saberes, além de locais ligados aos grupos de reisados. Ao final, foram apresentadas sugestões de atividades pedagógicas, que podem ser aplicadas antes, durante ou após as visitas, estimulando o protagonismo dos estudantes e a aprendizagem significativa, buscando incentivar a participação ativa e o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e colaborativas, ao mesmo tempo que fortalecem o vínculo dos estudantes com o patrimônio cultural da cidade.

Palavras-chave: Cultura local, Educação Patrimonial, Festa, Memória, Religião.

ABSTRACT

This work presents a research study developed in the form of a pedagogical guide designed to assist teachers, especially in public schools, in addressing the history, transformations, and cultural manifestations that comprise the traditional Festa do Pau da Bandeira, held in Barbalha, Ceará. Based on studies and analyses by historians and researchers, the material provides a detailed historical and cultural overview, aiming to value the city's tangible and intangible heritage and to foster students' recognition of local identity. The guide was constructed using references from renowned scholars of the region and the festival, such as Simone Pereira da Silva, José Ítalo Bezerra Viana, Ruth Rodrigues Santos, Josier Ferreira da Silva, Cícera Patrícia Alcântara Bezerra, and Luiz Mott, among others. These works served as a foundation to historically contextualize the celebration, understand its past uses, and analyze the changes that have occurred over time, especially in the 21st century, when the festival received important official recognitions, such as being designated as Brazilian Intangible Cultural Heritage in 2015. The material is organized into different sections that guide the reader through a historical and cultural journey. Initially, it introduces Barbalha and its characteristics, situating the city as the stage for one of the largest cultural and religious manifestations in Ceará. It then delves into the Festa do Pau da Bandeira, highlighting its origins, transformations, symbolic elements, and role in shaping Barbalha's local identity. The guide includes an illustrative map with strategic points for visitation, such as Sítio Flores/São Joaquim (site of the mast cutting), Igreja Matriz de Santo Antônio, the Municipal Library, the Union of Associations of Barbalha, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, the School of Knowledge, as well as locations related to the reisado groups. Finally, pedagogical activity suggestions are presented, which can be applied before, during, or after the visits, promoting student protagonism and meaningful learning. These activities aim to encourage active participation, the development of critical, creative, and collaborative skills, while simultaneously strengthening students' connection with the city's cultural heritage.

Keywords: Local Culture, Heritage Education, Festival, Memory, Religion.

LISTA DE INSTITUIÇÕES E SIGLAS

ESBA	Escola de Saberes de Barbalha
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. Nacional
MP	Mestrado Profissional
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
UNAB	União das Associações de Barbalha
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 A FESTA DO PAU DA BANDEIRA EM BARBALHA.....	12
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	18
2.1 HISTORIOGRAFIA E ANÁLISE SOCIOCULTURAL DA FESTA.....	18
2.2 FONTES.....	24
2.2.1 Dossiê.....	25
2.2.2 Imagens.....	27
2.3 DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO.....	29
2.4 TRANSFORMAÇÕES DA FESTA NO PERÍODO DE 1973 À 1977.....	34
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	37
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	40
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	46
8. BIBLIOGRAFIA.....	50

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar um Roteiro Pedagógico com abordagem sobre as transformações da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e passeio pelos elementos culturais da festa de Barbalha, no estado do Ceará, elaborado como material didático com o intuito de auxiliar professores da rede pública no ensino sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, um dos eventos mais importantes do calendário cultural da região, com enfoque nas suas transformações ao longo do tempo e nas manifestações culturais que integram a festa.

Para compreender o Brasil, muitos cientistas sociais têm analisado suas festas como elementos centrais das formas de temporalidade, pertencimento, espacialidade e expressões culturais. A religiosidade, especialmente o catolicismo português¹, desempenhou um papel fundamental nesse processo civilizatório festivo, enriquecido pelo encontro com as culturas negras e indígenas (DaMatta, 1997a).

Historicamente, essas festas remontam ao período colonial, onde a festa e a religiosidade mediarão as diferenças culturais, contribuindo para a formação de uma cultura nacional diversificada. Muitos santos passaram a ser cultuados no Brasil, com destaque para São Pedro, São João e Santo Antônio, cujas festas juninas são caracterizadas por fogueiras, comidas e danças típicas, especialmente no Nordeste brasileiro. Com o aumento do número de devotos, as festas dos santos transcenderam as igrejas e ganharam as ruas, resultando em conflitos entre a ortodoxia da Igreja Católica e o catolicismo popular (Amaral, 1998).

No artigo "Festas e cultura popular na formação do 'povo brasileiro'", Martha Abreu discute o papel das festas populares, especialmente as religiosas, na construção da identidade nacional brasileira. A autora analisa como as festas, como o Carnaval e as celebrações do Divino Espírito Santo, foram vistas como espaços de encontro e mistura entre diferentes etnias e classes sociais, contribuindo para a formação de uma suposta "nacionalidade brasileira". O texto se concentra na obra de Mello Moraes Filho, um escritor e folclorista do século XIX, que registrou e celebrou as festas populares como expressões da cultura brasileira, destacando a importância da mestiçagem e das tradições afro-luso-brasileiras.

¹ O catolicismo português pode ser entendido como uma expressão sociocultural singular que moldou profundamente a identidade e a história de Portugal. Ele se formou a partir das raízes greco-romanas e judaico-cristãs da civilização europeia, mas desenvolveu características próprias ao longo de séculos de experiências históricas, contatos e fusões culturais. Mais do que a atuação das instituições eclesásticas, trata-se de compreender como a religiosidade católica permeia valores, práticas e comportamentos da sociedade portuguesa, influenciando sua consciência coletiva e resistindo a transformações trazidas pela secularização e pela globalização. O estudo desse catolicismo busca, portanto, revelar como uma tradição fortemente enraizada reage e se adapta a mudanças sociais, utilizando ferramentas da sociologia e da ciência comparada das religiões. FERREIRA, Antônio Matos – Um católico militante diante da crise nacional. Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914). Lisboa, Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos de História Religiosa, 2007.

A análise de Martha Abreu do trabalho de Mello Moraes Filho, são importantes para repensar a história das festas populares no Brasil, oferecendo um marco teórico e histórico que pode ser utilizado para entender as transformações da festa do Pau da Bandeira. Sob um olhar mais crítico, a abordagem de Martha Abreu, em particular, ajuda a compreender como as festas populares foram vistas como expressões de identidades, o que pode ser aplicado ao estudo da festa em Barbalha, importante patrimônio cultural do Brasil

A ideia de que o patrimônio não é apenas um vestígio do passado, mas um elemento vivo da cultura, reforça a necessidade de sua preservação e transmissão para as novas gerações. Essa abordagem também está presente em teóricos como Moacir Gadotti, que, em “Educação e Poder” (2000), defende que a valorização do patrimônio local por meio da educação promove o empoderamento cultural, permitindo que a comunidade compreenda e ressignifique sua própria história.

Nesse contexto, compreender o patrimônio cultural vai além da preservação de monumentos ou objetos históricos: envolve também incluir a educação patrimonial nas discussões escolares e sociais. Tal abordagem permite o reconhecimento e a valorização das expressões culturais que marcam a identidade de um povo, além de possibilitar que as novas gerações se aproximem criticamente de sua própria história.

Ao integrar a educação patrimonial ao ensino, promove-se o conhecimento da história local e regional, fortalecendo a relação entre a comunidade e seus bens culturais (Bueno; Urban, 2024). Dessa forma, a valorização das festas populares, como a de Santo Antônio em Barbalha, contribui para o desenvolvimento da cidadania cultural, pois estimula o pertencimento, o respeito às tradições e o envolvimento ativo na preservação da memória coletiva.

Assim, conforme menciona José Ítalo Bezerra Viana (2017), diferentes grupos sociais passam a perceber e registrar o patrimônio de formas diversas, reafirmando suas identidades e visões de mundo dentro de um universo plural.

Desse modo, o patrimônio cultural torna-se também mediador entre Memória e História, assumindo o papel de objeto vivo para refletir sobre o passado, interpretar o presente e projetar possibilidades de futuro (Bueno; Urban, 2024). Mesmo com distintas definições e abordagens metodológicas, os bens culturais operam como instrumentos de mobilização para compreendermos os diferentes espaços e tempos que compõem nossa experiência social (Carvalho; Meneguello, 2020, p. 26).

No Brasil, diversos espaços e instituições dedicadas à proteção do patrimônio passaram a utilizar o termo “Educação Patrimonial”, em grande parte por influência do conceito internacional de Heritage Education. Um marco importante para a consolidação dessa

perspectiva foi a publicação do Guia Básico de Educação Patrimonial², de Horta, Grunberg e Monteiro (1999), que impulsionou a construção de um conceito centrado no patrimônio cultural como ferramenta educativa (Grinspum, 2000, p. 18).

Desde então, a Educação Patrimonial tem se consolidado como um campo fundamental para fomentar o diálogo entre identidade, memória e participação social, especialmente no ambiente escolar e nos projetos de valorização da cultura local (Viana, 2017).

Diante dessa perspectiva, é fundamental reconhecer que o patrimônio cultural, enquanto mediação entre memória e história, não é estático, mas sim dinâmico, vivo e em constante ressignificação. Através da educação patrimonial, cria-se a possibilidade de inserir o patrimônio nos espaços educativos como ferramenta para o fortalecimento da identidade, do pertencimento e da cidadania cultural. Assim, as tradições, os saberes e os rituais que compõem o patrimônio imaterial deixam de ser apenas objetos de contemplação e tornam-se meios de diálogo entre o passado e o presente.

É nesse contexto que se insere a Festa de Santo Antônio em Barbalha, no sul do Ceará, cuja expressão religiosa e cultural reflete a profunda relação de fé, identidade e memória coletiva da população local. As festas de padroeiros, como essa, evidenciam o elo afetivo e simbólico que as pessoas constroem com os santos, estabelecendo vínculos que muitas vezes se assemelham a laços de parentesco.

Ao longo do tempo, a festa passou por transformações, incorporando novos elementos e ressignificando outros. Como fenômeno social, ela reflete contradições e conflitos oriundos das esferas religiosa, política, econômica, cultural e midiática. As adaptações e reinvenções dos rituais, como o pau da bandeira, a noite das solteironas e a procissão, mostram a capacidade da festa de se manter relevante. Intervenções de instituições culturais e ambientais também contribuíram para moldar a celebração (Viana, 2017).

² Esse estudo apresenta a Educação Patrimonial como um processo educativo que utiliza o patrimônio cultural (material e imaterial) como ferramenta para promover conhecimento, valorização e preservação da história e da identidade coletiva. A obra discute conceitos fundamentais, como a noção de “patrimônio vivo” e a importância do passado na compreensão do presente, explorando o uso de objetos, monumentos, sítios históricos e arqueológicos como fontes primárias de aprendizado. Além da fundamentação teórica, o livro traz metodologias práticas, com sugestões de atividades que permitem aos alunos interagir com diferentes tipos de patrimônio, como centros históricos, patrimônios rurais e indígenas, e museus. Casos de estudo reais — como o Museu Imperial, São Miguel das Missões e a experiência Tikuna — exemplificam como aplicar a metodologia de forma interdisciplinar. Também são oferecidas orientações para professores, incluindo como elaborar materiais de apoio, conduzir oficinas de educação patrimonial e avaliar as experiências realizadas. Assim, a obra se configura como um manual teórico-prático para inserir o patrimônio cultural no processo educativo, fortalecendo o vínculo entre comunidade, história e preservação. HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

1.1 A FESTA DO PAU DA BANDEIRA EM BARBALHA

Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (2011) defende a normatização das festas e sua apropriação nos calendários. A autora destaca que as inúmeras atividades cotidianas, como trabalho e lazer, são frequentemente vistas como opostas, mas são complementares para o equilíbrio social. Dessa forma, a normatização do tempo de diversão é uma estruturação social essencial para garantir que o lazer tenha um espaço legítimo e reconhecido na vida das pessoas, promovendo um equilíbrio saudável entre trabalho e descanso, fundamental para o bem-estar individual e social (Santos, 2011).

As festas de padroeiros refletem a natureza da relação entre as pessoas e o santo, semelhante a um laço de parentesco que traz proximidade e identificação, tornando o santo mais acessível. Isso pode se manifestar por meio de oferendas, sacrifícios, promessas, rituais ou preces, onde a certeza da resposta se perpetua no imaginário popular, na expressão: "o santo é de casa". D'Abadia observa que "o santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade. Por isso, a consagração de capelas, igrejas e paróquias faz parte de ações práticas da Igreja Católica" (2010, p. 103).

Essa realidade não é diferente na cidade de Barbalha/CE. Treze dias constituem a Trezena de Santo Antônio, durante os quais a cidade permanece em festa. A devoção a Santo Antônio em Barbalha, analisada de forma diacrônica, revela os processos de transformação pelos quais passou, resultando na atual Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

O historiador Océlio Teixeira de Souza (2000) identifica três momentos significativos que indicam mudanças na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. O primeiro momento refere-se ao início do Cortejo do Pau da Bandeira em 1928, sob a iniciativa do Padre José Correia Lima, onde predominava o aspecto "religioso oficial" controlado pelo vigário. O segundo momento, descrito por Océlio, refere-se ao processo de carnavalização da festa a partir da década de 1940. O terceiro momento é a folclorização da festa a partir da década de 1970, que integra elementos folclóricos à celebração.

No dia do carregamento, enquanto os carregadores se preparam para o sacrifício devocional de transportar o pau da bandeira de Santo Antônio, nas imediações da Igreja Matriz, diversos grupos folclóricos começam a se reunir e organizar. Em 1997, a Revista "O Povo" declarou que:

Os coloridos e espelhados trajes dos Reis de Congos, à frente o Mateus careteiro, com o rosto preto de fuligem, a língua como uma cobra na boca banguela. A festa que os músicos populares anunciam é quebrada pela chegada soturna de dois grupos de penitentes, com suas opas pretas e azuis, os capuzes escondendo as caras magras, as

manchas, as dores, o aço cortante da “disciplina” lembrando o sacrifício destes romeiros milenares. De onde vem este povo de fé.

O carregamento do pau da bandeira em Barbalha não é apenas um ato de sacrifício, cansaço e dor; é também um evento festivo, repleto de brincadeiras entre os carregadores, desde o momento em que chegam à "cama do pau" para iniciar o carregamento até a chegada à zona urbana de Barbalha. Antes do início oficial, os carregadores se reúnem nas proximidades do pau, onde conversam, comem, dançam, brincam e bebem bastante.

O trajeto inicial do carregamento ocorre em uma estrada de terra vermelha, onde frequentemente os carregadores simulam combates e disputas, demonstrando força e agilidade. Aqueles que não participam diretamente do carregamento, mas assistem ou registram o evento, também se envolvem nas brincadeiras, podendo sair marcados pela terra vermelha dos abraços amistosos dos carregadores, levando consigo lembranças físicas e emocionais do evento.

Para garantir o bom andamento do carregamento, existe a figura central do "capitão do pau", eleito pelos carregadores. O capitão é uma liderança essencial que se esforça para que tudo ocorra sem grandes problemas e acidentes durante o corte, o carregamento e o hasteamento do pau da bandeira. Dada a abundante ingestão de bebida alcoólica ao longo do carregamento, essa tarefa é especialmente desafiadora.

O capitão define o ritmo do carregamento. O pau, que parte dos sítios Flores e São Joaquim após o meio-dia, deve chegar à Igreja Matriz por volta das 20 horas. É crucial que o pau não chegue nem muito tarde nem muito cedo, sendo o cumprimento do horário e a ausência de acidentes critérios de avaliação da competência do capitão. Se tudo transcorre sem grandes problemas, a capacidade do capitão é comprovada. A principal preocupação é que a festa prossiga sem interrupções, garantindo a satisfação dos milhares de espectadores que aguardam ansiosamente cada momento do cortejo e da celebração.

Josier Ferreira da Silva (2013), em suas lembranças, remete à festa de outros tempos e descreve o desfile dos grupos folclóricos.

Ao amanhecer, o sol de domingo estende seus primeiros raios sobre a cidade. É o parto do dia, que nasce ao som do pipocar dos fogos, dos dobrados das bandas de música e das bandas cabaçais em alvoradas festivas, abrindo a Festa do padroeiro da cidade. Grupos de brincantes da cultura popular se deslocam dos sítios e bairros para ruas da cidade, marcado por sobrados e casarões do século XIX.

[...]

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça, jogando, praticando tiro ao alvo, rodando nos carrosséis. O clima festivo, em sintonia com a fé

no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para, em algumas horas, no período da tarde, ver a chegada do pau da bandeira na cidade. Como num incremento de ansiedade, o próprio locutor intercalava as apresentações fazendo referência sobre o peso e tamanho do mastro a ser deslocado nos ombros dos devotos, da mata até a cidade (Silva, 2013, p. 222).

As descrições presentes em jornais cearenses e na memória daqueles que acompanharam a festa ao longo dos anos destacam a diversidade de grupos, cores e sons que configuram o tom festivo da cidade. A diversidade presente no dia do carregamento, embora espontânea em outros tempos, é atualmente motivada e organizada pelo poder público para atrair turistas e celebrar a fé e devoção ao santo padroeiro.

Além disso, Gorete Pereira Amorim Lima (2003), que trabalhou na organização da festa e lidou diretamente com os grupos folclóricos, compartilha suas experiências sobre a preparação e apoio prestado pelo poder público. Suas palavras destacam o esforço para garantir que a participação dos grupos ocorra da melhor maneira possível, refletindo a importância da festa para a identidade cultural de Barbalha e seu papel na atração de visitantes.

Se as simpatias com Santo Antônio não funcionarem, ainda há uma alternativa: São José, que também é conhecido por sua habilidade de arranjar bons casamentos. Em Altos, no Piauí, o vaqueiro Hortêncio Viana, de 48 anos, faz seu pedido cantando para São José. Segundo o padre Juscelino Sousa, não há concorrência entre os santos, pois todos pertencem à mesma família (Souza, 2000).

Jornalistas entusiasmados se aglomeram para registrar os melhores momentos de cada manifestação folclórica. A cidade, já inteiramente decorada com bandeirinhas coloridas, cartazes, bonecos gigantes, barracas de comidas típicas e artesanatos locais, ganha outros contornos, movimentos e cores à medida que essas expressões se espalham e se movimentam pelas ruas de Barbalha, nas proximidades da Igreja Matriz.

Após algumas horas, os grupos se organizam para iniciar o desfile pela cidade. Antes de começarem o desfile, os integrantes dos grupos entram na Igreja Matriz, onde pontualmente às 9 horas da manhã ocorre uma missa que abre os festejos de Santo Antônio e se prolonga até às 11 horas. Esta missa tem uma estética de espetáculo, com cores vibrantes dentro da igreja. Quadrilhas e outros festejantes enchem o interior da matriz para ouvir cantadores e emboladores (Praciano, 1993). Durante a missa, os fiéis são convocados ao ofertório, trazendo produtos agrícolas típicos da região. De acordo com o Diário do Nordeste (1988, p. 9):

MISSA POPULAR

Foi assim que uma senhora tradicionalista rotulou a missa celebrada pelo padre Danielle, acompanhada por um coro que castigou na música de protesto, puxada a sanfona e violão. Tendo ainda a participação do cantador Pedro Bandeira no agradecimento das oferendas. Bandeira, com aquela desenvoltura que o caracteriza,

ocupou o lugar do padre no altar e soltou as rimas. Apoiando no refrão “deste meu Brasil caboclo de mãe preta e pai João, respondido com entusiasmo pela moçada “pra frente”. Produtos agrícolas, queijo e rapadura, enfeitavam a mesa das oferendas. Muito milho para a canjica do padre, aliás um apreciador do produto. Este ano, porque o inverno foi bom, os doadores carregaram na oferta.

Após a missa, os grupos - incluindo penitentes, banda de pífanos, lapinhas, maneiro pau, reisados e outros - se reúnem em um desfile, percorrendo as principais ruas de Barbalha até chegarem à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. É importante mencionar que o desfile não se restringe apenas aos grupos mencionados; autoridades políticas do município também participam, desfilando por Barbalha.

De acordo com os escritos de Cícera Patrícia Alcântara Bezerra (2010), o ambiente em torno da Igreja de Santo Antônio durante a Festa do Pau da Bandeira, destacando a dinâmica entre o espaço sagrado (interior da igreja) e o profano (exterior), onde as pessoas circulam intensamente. Para a autora, após a missa, forma-se uma multidão heterogênea que aguarda o desfile folclórico. A composição do desfile muda ao longo dos anos, refletindo alterações políticas e religiosas.

No meio desse colorido, destacam-se os penitentes, vestidos de preto e branco, com expressões sérias e comportamentos reservados, em contraste com a alegria dos demais grupos. Esses carregam apenas uma cruz de madeira coberta por tecido com a inscrição: “Viva Jezus para sempre”, chamando atenção pela sobriedade e pelo simbolismo religioso que trazem ao cortejo (Bezerra, 2010).

Assim como destacado por Bezerra (2010), a folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, especialmente em 1973, marca uma importante fase de transformações promovidas pelo poder público local, com o objetivo de reconfigurar o evento enquanto patrimônio cultural e atrativo turístico.

Océlio Teixeira (2000) menciona que esse processo teve início na década de 1970, quando a Prefeitura passou a intervir diretamente na organização da festa, promovendo ações que visavam estruturá-la sob um modelo mais institucionalizado e controlado. Segundo o autor, inseriu a celebração dentro de um circuito político e midiático, mudando significativamente sua dinâmica original.

Nesse período, a gestão do prefeito Fabriano Livônio Sampaio foi fundamental para consolidar a festa como um espetáculo cultural. A partir de 1973, ações como a regulamentação do cortejo, a definição de normas para o transporte do mastro e a padronização de elementos festivos buscaram tornar a celebração mais segura e adequada aos interesses turísticos (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013). Além disso, houve um esforço em fortalecer o caráter

regional da festa, com o incentivo à participação de grupos folclóricos como reisados, quadrilhas e bandas cabaçais (Barbalho, 1998), o que ampliou o apelo da festa junto ao público visitante.

O investimento em infraestrutura também foi uma marca dessa nova fase. A partir de 1974, a Prefeitura melhorou ruas, criou espaços para o público e organizou o comércio informal com barracas padronizadas, buscando transformar a festa em um evento economicamente viável (Oliveira, 1999). Outra estratégia foi a presença constante de políticos locais e estaduais nos festejos, aproveitando-se da visibilidade popular da festa como plataforma para promoção política (Barbalho, 1998). Tais mudanças, embora eficazes em promover a festa, também geraram tensões quanto à preservação de sua essência tradicional e comunitária.

A Igreja Católica, por sua vez, buscou manter o equilíbrio entre tradição e modernidade, reafirmando o caráter devocional da festa. Mesmo com a crescente organização promovida pelo poder público, o clero local interveio em diversos momentos para preservar a dimensão religiosa da celebração. Paralelamente, a inclusão dos grupos populares e o reconhecimento das manifestações culturais tradicionais contribuíram para o fortalecimento da identidade regional e para a valorização dos saberes locais, mesmo dentro de um contexto de modernização.

Conforme estudado anteriormente, o patrimônio cultural torna-se também mediador entre Memória e História, assumindo o papel de objeto vivo para refletir sobre o passado, interpretar o presente e projetar possibilidades de futuro. Assim, mesmo com definições diferentes e abordagens metodológicas, os bens culturais operam como instrumentos de mobilização para compreendermos os diferentes espaços e tempos que compõem nossa experiência social (Carvalho; Meneguello, 2020).

Assim, esse período compreendido entre 1973 e 1977 foi decisivo para o processo de patrimonialização da Festa do Pau da Bandeira, consolidando-a como símbolo da cultura caririense. As transformações estruturais, políticas e simbólicas promovidas pelo poder público contribuíram para projetar a festa em âmbito nacional, tornando-a um bem cultural de destaque.

Segundo José Ítalo Bezerra Viana (2017), o reconhecimento da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha como Patrimônio Cultural do Brasil foi resultado de um longo e complexo processo de articulação institucional, técnica e simbólica. A festa foi registrada como bem imaterial pelo IPHAN em setembro de 2015, sendo a primeira celebração cearense inscrita no Livro das Celebrações.

Para o autor, esse reconhecimento teve início formal com um pedido encaminhado em 2010 pela Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha, contando com o apoio de diversas instituições locais, como o Instituto Cultural do Vale Caririense, a Prefeitura, a Câmara

Municipal, a UNAB e o Centro ProMemória Josafá Magalhães. O processo de patrimonialização, no entanto, remonta a 2002, quando o Instituto de Arquitetos do Brasil – Seção Ceará já havia solicitado o reconhecimento da festa, inserindo-a no contexto do chamado Projeto Cariri, que buscava valorizar o patrimônio imaterial da região, tida como um “caldeirão da cultura popular” do Ceará (Brasil, 2013).

O reconhecimento da festa passou a integrar uma política nacional de proteção dos bens culturais imateriais, estabelecida com a criação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e, posteriormente, com a instituição legal do registro como forma de proteção patrimonial, conforme o Decreto nº 3.551/2000. O INRC permitiu mapear os aspectos simbólicos, rituais e históricos da festa, servindo de base para a produção do dossiê etnográfico, documento essencial no processo de registro (Brasil, 2013).

Na visão de Viana (2017), a patrimonialização da festa não se resume a um reconhecimento técnico, mas representa um processo simbólico de afirmação identitária e construção de pertencimento coletivo. O dossiê, enquanto prática social e discursiva, legitima a festa como expressão cultural representativa, justificando as políticas públicas voltadas à sua valorização, salvaguarda e continuidade.

Por sua dimensão simbólica, caráter religioso e sociocultural, a Festa do Pau da Bandeira ultrapassa o campo da festividade e se consolida como manifestação coletiva de memória, identidade e pertencimento. A própria continuidade da celebração ao longo das décadas, permeada por elementos tradicionais e ressignificações contemporâneas, reforça seu status como bem cultural imaterial.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 HISTORIOGRAFIA E ANÁLISE SOCIOCULTURAL DA FESTA

Para pensar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio no contexto histórico vivido pela sociedade Barbalhense durante o recorte temporal pesquisado, foi necessário recorrer às obras que retratavam as festividades, as demais formas de diversão e entretenimento, a cultura religiosa, os hábitos, os costumes e as tradições das comunidades, a formação da cidade, a devoção a Santo Antônio, o grande dia que é o carregamento do Pau da Bandeira, as manifestações folclóricas e como essa festa mobiliza toda a sociedade barbalhense e demais pessoas de vários lugares do Brasil.

No meu percurso de pesquisa recorri a brilhantes obras de escritores locais, os quais foram peças indispensáveis para a contextualização dos documentos pesquisados sobre a história da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Mas também me socorri durante essa prazerosa construção, de diversos trabalhos de historiadores das mais diversas regiões do país, que desenvolveram pesquisas sobre semelhante conteúdo daquele período histórico.

Historiadores como Lídia Rafaela, Martha Abreu, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira, Cristina Betioli Ribeiro, Léa Freitas Peres, Cicera Patrícia Alcântara Bezerra, José Italo Bezerra, Pedro Fernando Viana Peixoto e os historiadores locais como: Océlio Teixeira, Maria Yacê Carleial Feijó de Sá e Ruth Rodrigues Santos, Simone Pereira, destacam a festa como uma das expressões mais proeminentes do catolicismo popular brasileiro. Festas religiosas, em diversos formatos, são abundantes no Brasil, especialmente aquelas dedicadas aos santos padroeiros (DaMatta, 1997b).

Na obra "Festas e cultura popular na formação do 'povo brasileiro'", Martha Abreu discute o papel das festas populares, especialmente as religiosas, na construção da identidade nacional brasileira. A autora analisa como as festas, como o Carnaval e as celebrações do Divino Espírito Santo, foram vistas como espaços de encontro e mistura entre diferentes etnias e classes sociais, contribuindo para a formação de uma suposta "nacionalidade brasileira". O texto se concentra na obra de Mello Moraes Filho, um escritor e folclorista do século XIX, que registrou e celebrou as festas populares como expressões da cultura brasileira, destacando a importância da mestiçagem e das tradições afro-luso-brasileiras.

A ideia de que o patrimônio não é apenas um vestígio do passado, mas um elemento vivo da cultura, reforça a necessidade de sua preservação e transmissão para as novas gerações.

Essa abordagem também está presente em teóricos como Moacir Gadotti, que, em “*Educação e Poder*” (2000), defende que a valorização do patrimônio local por meio da educação promove o empoderamento cultural, permitindo que a comunidade compreenda e ressignifique sua própria história.

Ao transformar uma manifestação cultural em patrimônio oficial, instituições como o IPHAN legitimam sua preservação, mas também a inserem em novas dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Isso pode gerar impactos na forma como essas festas são organizadas, muitas vezes adaptando-se ao turismo e às políticas públicas de incentivo à cultura. Essa questão dialoga com a dissertação de Océlio Teixeira de Souza (A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia, 2000), que aborda as mudanças na organização da festa a partir da mediação do poder público.

Ainda na construção do roteiro, utilizei dos escritos de Isabel Cristina Martins Guillen (Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador), quando conceituou que patrimônio não é apenas um conjunto de bens materiais ou imateriais preservados, mas uma construção social e política, constantemente ressignificada pelas comunidades e instituições. A patrimonialização de festividades como a Festa do Pau da Bandeira implica tanto reconhecimento quanto transformações em sua organização e significado, muitas vezes adaptando-se a novas demandas sociais e econômicas.

Esse processo também é analisado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, em “A Invenção das Tradições”, ao demonstrarem que certas práticas culturais, mesmo que apresentadas como imutáveis, são constantemente reinventadas para atender a diferentes contextos históricos e interesses políticos.

No campo das festas populares, Mello Moraes Filho, em *Festas Populares do Brasil*, já apontava no século XIX como esses eventos eram marcadores da identidade nacional e espaços de sociabilidade. Sua abordagem permite uma reflexão sobre como essas manifestações se tornaram objeto de estudo e de políticas públicas, culminando no reconhecimento da Festa do Pau da Bandeira como patrimônio cultural pelo IPHAN, um processo semelhante ao observado em outras festividades brasileiras.

A memória das festas populares e seu papel na construção da identidade cultural local também são temas centrais na historiografia. Márcia Pereira dos Santos, em *História e Memória: desafios de uma relação teórica*, argumenta que as festas não apenas reconstróem o passado, mas criam novas narrativas que reforçam a identidade comunitária. No caso da Festa do Pau da Bandeira, essa dimensão é visível na forma como os grupos folclóricos, os

carregadores do mastro e os devotos reatualizam os significados da festa, mantendo suas tradições, mas adaptando-as às transformações sociais.

No contexto da historiografia cearense, os estudos de Océlio Teixeira, Maria Yacê Carleial Feijó de Sá e Ruth Rodrigues Santos, contribuem para uma visão mais detalhada sobre as festividades do Cariri, em especial a de Barbalha. Esses pesquisadores analisam a intersecção entre religiosidade, folclore e políticas culturais, evidenciando como a Festa do Pau da Bandeira passou por processos de transformação ao longo do século XX. Seus estudos demonstram que, entre 1973 e 1977, a festa começou a assumir características que reforçaram tanto sua dimensão turística quanto sua organização formal, refletindo um movimento mais amplo de institucionalização das manifestações populares.

O estudo realizado por Océlio Teixeira de Souza representa uma contribuição significativa para a compreensão das transformações da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, especialmente no período entre 1928 e 1972. A pesquisa se insere no contexto mais amplo do processo de romanização do catolicismo brasileiro³, que buscava reforçar a ortodoxia religiosa e combater práticas populares considerados desvios da doutrina oficial.

Ao abordar a relação entre a Igreja Católica e as manifestações festivas, o autor destaca como a festa, inicialmente marcada por um controle rígido da igreja, passou por mudanças expressivas ao longo do século XX, incorporando elementos profanos e folclóricos. De acordo com o autor, a cidade de Barbalha teve suas origens ligadas à devoção a Santo Antônio, seu desenvolvimento da cidade começou na Fazenda Barbalha, onde havia uma capela dedicada a esse santo. Segundo Océlio Teixeira de Souza (2000, p. 18):

A devoção a Santo Antônio, em Barbalha, remonta a 1778, quando o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, quarto proprietário da fazenda Barbalha, considerado pelos historiadores locais como o fundador de Barbalha, solicitou, ao Visitador Manoel Antônio da Roxa, que naquele ano estava em visita à Freguesia de São José dos Cariris Novos (hoje Missão Velha), licença para construir uma capela em louvor ao santo de Lisboa. A licença foi concedida pelo Visitador e confirmada pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Diogo de Jesus Jardim. A capela foi construída, sendo benzida e entregue ao proprietário da fazenda Barbalha pelo 6º Vigário de Missão Velha, padre André da Silva Brandão, em 23 de dezembro de 1790 (Souza, 2000, p. 18).

³ O processo de romanização, ou de reforma da Igreja Católica, representa na origem, justamente uma reação contra o regime do padroado. O movimento visava, no conjunto colocar a instituição eclesiástica brasileira em sintonia com as diretrizes da Santa Sé, já estabelecidas desde o Concílio de Trento (século XVI) e reforçadas, mais tarde, pelo Concílio Vaticano I (final do século XIX). MAUÉS, Raymundo Herald. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico – um estudo antropológico no interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995, p. 46.

Océlio Teixeira de Souza (2000) ainda identifica três momentos significativos que indicam mudanças na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. O primeiro momento refere-se ao início do Cortejo do Pau da Bandeira em 1928, sob a iniciativa do Padre José Correia Lima, onde predominava o aspecto "religioso oficial" controlado pelo vigário. O segundo momento, descrito por Océlio, refere-se ao processo de carnavalização da festa a partir da década de 1940. O terceiro momento é a folclorização da festa a partir da década de 1970, que integra elementos folclóricos à celebração.

Tomando como referência o processo de romanização vivenciado pela Igreja Católica brasileira, do fim do século XIX a meados do século XX, discuto como esse processo foi experimentado em Barbalha e sua influência nas relações da igreja local com a Festa do Pau da Bandeira.

Por fim, a questão da educação patrimonial também deve ser considerada. Como aponta Holien Gonçalves Bezerra, em *Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos*, a história ensinada nas escolas deve estimular o senso crítico e o pertencimento cultural. Dessa forma, compreender as transformações da Festa do Pau da Bandeira nesse período não se limita à análise da celebração em si, mas também ao seu impacto na formação das novas gerações. O reconhecimento do patrimônio imaterial e a valorização da cultura local tornam-se, assim, elementos centrais para a educação e a preservação da memória coletiva.

Do ponto de vista historiográfico, o estudo insere-se em uma tradição de análise das festas populares como fenômenos sociais e culturais. Gilberto Freyre, em *"Casa-Grande & Senzala"* (2006), enfatiza a importância das manifestações culturais como elementos formadores da identidade brasileira. No caso de Barbalha, a Festa do Pau da Bandeira sintetiza a convergência de influências indígenas, africanas e europeias, refletindo a complexidade do processo de formação cultural do Nordeste.

Por outro lado, Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (2011) discute a importância da normatização do tempo festivo e sua inserção nos calendários oficiais. A autora argumenta que lazer e trabalho, apesar de muitas vezes tratados como opostos, são complementares para a manutenção do equilíbrio social. Dessa forma, a regulamentação das festividades, portanto, não apenas garante a preservação das tradições, mas também estrutura o tempo coletivo de celebração, reforçando o pertencimento social.

Além disso, o estudo *"A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras: Memórias das Festas e Romarias no Santuário de Frexeiras – Garanhuns - PE (1880-1931)"*, de Pedro Fernando Viana Peixoto, apresenta uma análise profunda sobre as celebrações religiosas no santuário de Frexeiras, em Pernambuco, destacando a interseção entre religiosidade, cultura popular e

memória social. O autor investiga como as festividades associadas à Santa Quitéria se inserem no contexto das romarias e práticas de devoção popular, além de abordar as disputas entre a família proprietária da imagem da santa e a diocese local durante o processo de romanização da Igreja Católica.

Na verdade, a historiografia que embasa este estudo sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha é formada por um conjunto diverso de obras que dialogam entre si, oferecendo múltiplos olhares sobre a cultura popular, o patrimônio imaterial e as transformações socioculturais do Cariri.

A tese de Carlos Rafael Dias (2019), por exemplo, é fundamental para compreender os processos históricos, culturais e simbólicos que moldaram a identidade regional do Cariri. O autor analisa representações construídas por discursos historiográficos, jornalísticos e literários, abordando momentos centrais como a atuação do Padre Cícero e a influência do Instituto Cultural do Cariri. Sua contribuição está em contextualizar Barbalha dentro de um complexo mosaico de significados que ajudam a entender a patrimonialização e o simbolismo da festa.

No campo das memórias e identidades locais, Cícera Patrícia Alcântara Bezerra (2010) explora a Irmandade da Cruz, grupo de penitentes de Barbalha, evidenciando como suas narrativas, deslocamentos identitários e práticas religiosas se articulam na preservação e reinvenção do patrimônio imaterial. Essa perspectiva de memória viva conecta-se com o caráter dinâmico da Festa do Pau da Bandeira.

Ademais, a dimensão turística e econômica da patrimonialização é analisada por José Ítalo Bezerra Viana (2017), que investiga como o patrimônio cultural no Cariri, a partir dos anos 2000, passou a ser também um recurso estratégico para o turismo e a economia criativa. Essa lógica de mercantilização e reinvenção de tradições está presente nas transformações recentes da festa.

A tese de Simone Pereira da Silva (2021), já citada anteriormente, traz uma abordagem focada nos usos do passado e na ressignificação da Festa de Santo Antônio no século XXI, articulando um resgate histórico com os reconhecimentos oficiais obtidos entre 2012 e 2018. Sua análise fornece base sólida para compreender o impacto das políticas públicas e das memórias coletivas no formato atual da celebração.

O artigo clássico de Duarte (1979) apresenta a devoção a Santo Antônio no Cariri como elemento de identidade comunitária, enquanto Ruth Rodrigues Santos (2015) investiga as mudanças e continuidades na festa, mostrando seu percurso de manifestação espontânea a evento patrimonializado. Já Josier Ferreira da Silva (2013) analisa a intersecção entre fé e cultura, revelando o papel da religião na construção da identidade local.

No campo simbólico, Luiz Mott (1996) amplia a compreensão de Santo Antônio como figura de resistência e proteção, especialmente no contexto histórico da escravidão. Além disso, a obra de Moacir Gadotti (2000), embora não trate diretamente da festa, contribui com reflexões sobre educação crítica e transformação social, inspirando a utilização do patrimônio local como recurso pedagógico. Complementarmente, Gilberto Freyre (2006), em “Casa-grande e senzala”, oferece uma lente histórica para entender a herança cultural e social que permeia Barbalha.

O olhar histórico de Guilherme Studart (1888) fornece uma descrição do município no século XIX, conectando passado e presente nas tradições locais. Outras contribuições vêm de Lidia Rafaela Nascimento dos Santos (2011), que examina o controle estatal sobre festas populares no século XIX, e de Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira (2016), que estuda as redes de sociabilidade de Câmara Cascudo e sua influência nos estudos de folclore.

Experiências semelhantes a de Barbalha são retratadas por Pedro Fernando Viana Peixoto (2024), que estuda a festa de Santa Quitéria de Frexeiras, e por Marta Abreu (1994), que analisa festas religiosas no Rio de Janeiro, discutindo o controle e a resistência cultural.

Léa Freitas Perez (2011) aborda a relação entre festas religiosas e vida urbana, enquanto Cristina Betioli Ribeiro (2008) evidencia o papel da literatura na preservação da cultura popular nordestina. Maria Yacê Carleial Feijó de Sá (2007) contribui com a etnografia histórica dos trabalhadores de engenhos de rapadura, figuras também presentes como participantes ativos da festa.

Por fim, Márcia Chuva (2020) oferece uma reflexão decolonial sobre o patrimônio cultural, incentivando uma visão integrada e crítica das manifestações imateriais, abordagem que se alinha diretamente com o estudo da Festa do Pau da Bandeira. Em conjunto, essas obras formam um referencial robusto que permite compreender a Festa do Pau da Bandeira não apenas como celebração religiosa, mas como fenômeno cultural complexo, atravessado por memórias, identidades, disputas simbólicas e políticas de patrimonialização.

Dessa forma, ao discutir a relação entre memória, tradição e cultura popular nas festas religiosas, o estudo evidencia como as celebrações se tornam espaços de sociabilidade e resistência cultural, articulando práticas sagradas e profanas. Assim, a obra contribui para a historiografia das festas populares ao destacar a importância da memória coletiva na preservação das tradições culturais.

Esse aspecto teórico foi fundamental para a elaboração do Roteiro Pedagógico, especialmente na abordagem da Educação Patrimonial como ferramenta para fortalecer a identidade cultural e promover a valorização do patrimônio local entre os alunos. O diálogo entre o estudo de Peixoto e o roteiro proposto ressalta como a memória e a história se entrelaçam

na construção de identidades comunitárias e na transmissão de saberes tradicionais para as novas gerações.

2.2 FONTES

O presente trabalho teve como objetivo retratar aquilo que as mais várias fontes encontradas foram capazes de revelar. O desenvolvimento deste estudo sobre as transformações da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, ocorrida entre os anos de 1973 e 1977, exigiu a utilização de diversas fontes para a construção do roteiro pedagógico. A abordagem adotada busca não apenas descrever o evento, mas evidenciar as mudanças e ressignificações ocorridas na festa ao longo desse período, articulando elementos religiosos, culturais e sociais que compõem essa manifestação tão significativa para a comunidade de Barbalha.

A construção desse roteiro pedagógico foi pautada na análise de fontes textuais, visuais e orais que contribuíram para o entendimento das dinâmicas da festa e de seus processos de transformação. Entre as fontes textuais, destacam-se os registros documentais encontrados em obras que abordam a história de Barbalha, como livros, artigos acadêmicos e relatórios de pesquisa. Essas fontes permitiram identificar os principais aspectos da festa, como a escolha e o corte da árvore, o carregamento do pau da bandeira e as manifestações folclóricas que ocorrem durante o cortejo.

A utilização de imagens fotográficas foi outra estratégia adotada na pesquisa, uma vez que essas fontes visuais oferecem registros valiosos sobre o ambiente da festa, as vestimentas, a organização dos carregadores e a participação da comunidade. As fotografias analisadas retratam diferentes momentos da festa, possibilitando uma comparação visual entre o passado e o presente, além de contribuir para a identificação das transformações nas práticas e nas simbologias da celebração.

Para garantir a contextualização histórica das informações, foram consultadas fontes documentais oficiais, como atas da Prefeitura Municipal, registros da Igreja Matriz de Santo Antônio e matérias jornalísticas publicadas em jornais locais. Esses documentos foram fundamentais para estabelecer a cronologia das transformações e para compreender as intervenções institucionais na organização da festa.

A abordagem metodológica utilizada na seleção e análise das fontes foi inspirada nos preceitos de Walter Benjamin, que afirma que o trabalho do historiador consiste em articular historicamente o passado, apropriando-se das reminiscências tal como elas relampejam no presente. Essa perspectiva permitiu que as fontes fossem interpretadas não apenas como

registros estáticos do passado, mas como elementos dinâmicos que dialogam com as mudanças e permanências na festa do Pau da Bandeira.

A pluralidade de fontes utilizadas na pesquisa também se fundamenta nas reflexões de José d'Assunção Barros, que ressalta a importância de considerar as marcas e vestígios das ações humanas como elementos essenciais para a construção da narrativa histórica. Assim, cada imagem, documento e relato oral foi analisado como parte de um mosaico que contribui para a compreensão mais ampla das transformações da festa e de seus significados para a comunidade barbalhense.

As imagens utilizadas no roteiro foram cuidadosamente selecionadas para ilustrar diferentes aspectos da festa, desde o corte da árvore até o hasteamento do pau da bandeira. Cada fotografia foi acompanhada de uma legenda explicativa, destacando as mudanças ocorridas ao longo dos anos e a relevância daquele momento para a história da celebração. Esse recurso visual busca aproximar os estudantes da atmosfera da festa, estimulando a percepção sobre a dinâmica cultural presente na manifestação.

Nesse processo, foi possível perceber como a festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio reflete as dinâmicas sociais, políticas e culturais que atravessam a cidade de Barbalha. As mudanças nas práticas e nos significados da festa ao longo do período pesquisado indicam a capacidade da comunidade de adaptar e ressignificar suas tradições, mantendo viva a memória coletiva.

Por fim, a utilização de múltiplas fontes possibilitou a construção de um roteiro pedagógico que não apenas descreve a festa, mas propõe uma reflexão crítica sobre suas transformações e seu papel na formação da identidade cultural de Barbalha. A partir dessa abordagem, espera-se que os professores e estudantes possam compreender a festa como um fenômeno social dinâmico, que articula religiosidade, cultura e memória em constante processo de mudança.

O percurso metodológico adotado neste estudo reforça a importância das fontes históricas como elementos indispensáveis para a construção da narrativa sobre a festa do Pau da Bandeira, além de valorizar as múltiplas vozes que compõem a memória coletiva da comunidade barbalhense. A partir dessa abordagem, busca-se contribuir para o fortalecimento da valorização da cultura local e para a preservação das tradições que fazem parte do patrimônio imaterial da cidade.

2.2.1 Dossiê

A principal fonte para a elaboração do roteiro pedagógico referente às transformações da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, no período de 1973 a 1977, é o Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, elaborado pelo IPHAN no ano de 2015. Este documento se configura como um registro técnico detalhado, produzido como parte do processo de reconhecimento da festa como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, título concedido no mesmo ano.

O Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha constitui um documento técnico e histórico de grande relevância, elaborado no âmbito das políticas de preservação do patrimônio cultural de natureza imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esse documento foi apresentado ao Conselho Consultivo do IPHAN, em 2025, com o propósito de avaliar a pertinência do registro da celebração como Patrimônio Cultural Brasileiro. Trata-se, portanto, de um material de referência que sintetiza décadas de estudos, inventários e ações institucionais voltadas à salvaguarda dessa manifestação emblemática do Cariri cearense.

O documento tem suas origens vinculadas à trajetória do próprio IPHAN no Ceará, que desde 1941 já manifestava interesse pela cidade de Barbalha. Naquele ano, o restaurador João José Rescala realizou um inventário da arquitetura tradicional do estado, registrando, entre outros bens, a Igreja Matriz de Santo Antônio com o pau da bandeira à sua frente. Ainda que o elemento central da festa não tenha sido objeto de maior atenção à época, esse registro fotográfico representa o testemunho mais remoto conhecido sobre a presença do mastro associado à celebração do padroeiro.

Décadas mais tarde, no início dos anos 2000, o IPHAN-CE retomou o olhar sobre Barbalha por meio do Projeto Cariri, desenvolvido em parceria com a Fundação de Desenvolvimento Tecnológico do Cariri (FUNDETEC) e a Universidade Regional do Cariri (URCA).

A metodologia adotada na elaboração do dossiê também merece destaque, pois se baseia na perspectiva da salvaguarda do patrimônio imaterial, estabelecendo um compromisso com a preservação e a valorização das práticas culturais que integram a festa. Essa abordagem busca não apenas descrever o fenômeno festivo, mas também compreender sua dinâmica, suas contradições e sua capacidade de ressignificação ao longo do tempo.

Esse projeto marcou uma nova etapa na política de preservação cultural da região, ao empregar a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) para sistematizar informações sobre diversas manifestações culturais do Cariri, dentre elas a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Embora o Projeto Cariri não tenha, naquele momento,

resultado em registros oficiais, ele consolidou um importante núcleo de formação técnica e científica, envolvendo estudantes e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento.

Em 2011, o IPHAN-CE concluiu o inventário específico da Festa do Pau da Bandeira, sob coordenação da professora Renata Marinho Paz, cujo trabalho de campo e análise documental possibilitou compreender as múltiplas dimensões e significados da celebração. O inventário, e posteriormente o dossiê de registro, consideram a festa não apenas como uma manifestação religiosa, mas como um fenômeno social, político e simbólico que estrutura parte da paisagem cultural e da identidade coletiva de Barbalha.

O dossiê apresenta uma leitura ampla e dinâmica da festa, reconhecendo-a como um conjunto de práticas, discursos e representações em constante transformação. A Festa do Pau da Bandeira é compreendida como um espaço de negociação simbólica e de múltiplas vozes, onde se expressam tensões, alianças e disputas entre diferentes agentes sociais — carregadores, religiosos, gestores públicos, comerciantes, artistas, moradores e visitantes. Essa complexidade é enfatizada a partir das reflexões teóricas de autores como Albuquerque Júnior, que compreende as festas populares como arenas de interação e conflito, e não como manifestações puramente autênticas ou isoladas da vida social.

O documento também destaca que o processo de registro da festa, desenvolvido entre 2010 e 2025, demandou não apenas ações técnicas, mas também mediações políticas e institucionais. Reuniões com representantes da comunidade, autoridades locais, pesquisadores e agentes culturais foram fundamentais para legitimar o processo e compreender as múltiplas perspectivas sobre a celebração. A partir dessas interlocuções, o IPHAN identificou a festa como um patrimônio vivo, que conjuga elementos religiosos, performáticos, artísticos e turísticos, refletindo as transformações históricas e sociais da própria cidade.

A estrutura do dossiê está organizada em três capítulos principais: o primeiro descreve os bens culturais e elementos constitutivos da festa; o segundo apresenta os aspectos que justificam seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Brasileiro; e o terceiro reúne recomendações voltadas à sua salvaguarda e continuidade. Além do texto técnico, o conjunto documental inclui o INRC da celebração, coordenado pela professora Renata Marinho Paz; o documentário dirigido por Rosemberg Cariry; e um amplo acervo fotográfico produzido por Maurício Albano e Jeferson Hamaguchi, compondo um registro visual e audiovisual abrangente sobre a manifestação.

Em síntese, o dossiê de registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha constitui um marco na política de valorização e preservação do patrimônio imaterial brasileiro. Sua elaboração representa não apenas o reconhecimento institucional de uma prática

cultural singular, mas também a consolidação de um processo coletivo de reflexão sobre identidade, memória, religiosidade e tradição. Ao apresentar esse documento, compreende-se a festa como uma expressão da fé e da criatividade popular, mas também como um símbolo da capacidade de reinvenção cultural que caracteriza o povo barbalhense e o patrimônio vivo do Cariri cearense.

Nesse contexto, o documento foi elaborado por uma equipe interdisciplinar composta por pesquisadores como José de Arimatéa Cruz, Déborah Tavares, Francisco Souza, entre outros, e apresenta uma análise minuciosa sobre a festa, abrangendo aspectos históricos, sociais, religiosos, econômicos e culturais. Esse documento é um marco fundamental para a historiografia da festa, pois se baseia em ampla pesquisa bibliográfica, entrevistas, levantamento iconográfico e observações diretas das práticas festivas, consolidando-se como um registro oficial da manifestação cultural.

O Dossiê apresenta a Festa do Pau da Bandeira como uma expressão cultural que sintetiza a devoção popular a Santo Antônio, padroeiro da cidade de Barbalha, evidenciando sua importância não apenas no aspecto religioso, mas também como uma manifestação de identidade local e regional. O documento descreve detalhadamente os principais rituais que compõem a festa, como o corte e o carregamento do pau da bandeira, a bênção da bandeira, a trezena de Santo Antônio, o desfile dos grupos folclóricos, as bandas cabaçais e a participação ativa da comunidade no planejamento e execução dos festejos.

As fontes orais disponibilizadas no Dossiê de Registro da Festa do pau da bandeira de Santo Antônio, também desempenharam um papel fundamental na elaboração do roteiro pedagógico, visto que as memórias e os relatos de moradores antigos da cidade proporcionaram uma perspectiva mais subjetiva e emocional sobre a festa. Os depoimentos colhidos junto aos participantes e organizadores da festa ajudaram a compreender a dimensão afetiva que envolve o cortejo do pau da bandeira, bem como as mudanças nas práticas e na participação da comunidade ao longo dos anos.

Além de retratar as práticas tradicionais da festa, o dossiê também se destaca por registrar as transformações ocorridas ao longo do tempo, especialmente nas décadas de 1970, período abordado neste roteiro pedagógico. As mudanças no percurso do cortejo, a introdução de novas formas de financiamento da festa, a participação de grupos culturais organizados e a maior presença dos meios de comunicação são aspectos que refletem a interação entre tradição e modernidade na construção simbólica da celebração.

Outro ponto importante abordado no documento é a relação entre a festa e o espaço urbano de Barbalha. O trajeto do Pau da Bandeira, que atravessa diferentes pontos da cidade,

permite compreender a maneira como a festa se entrelaça com o cotidiano da população, criando vínculos entre os moradores, os espaços públicos e o imaginário coletivo local. O dossiê destaca a dimensão simbólica desses percursos, nos quais a memória e a identidade da comunidade se manifestam.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, celebrada anualmente em Barbalha, Ceará, ultrapassa há muito tempo o limite de uma manifestação estritamente religiosa. Sua complexidade simbólica reflete processos históricos de transformação cultural que a inserem simultaneamente no campo da devoção popular e do espetáculo urbano. No contexto contemporâneo, a festa passou por intensos processos de carnavalização e folclorização, que a tornaram uma das maiores expressões culturais do Cariri e um marco do calendário turístico-religioso do Nordeste.

No que diz respeito às transformações ocorridas entre 1973 e 1977, o dossiê ressalta a crescente participação popular na organização dos festejos, a intensificação do envolvimento de grupos folclóricos e a inserção de elementos da cultura de massa, como a cobertura midiática e a utilização de amplificadores de som nas celebrações. Esses fatores contribuíram para consolidar a Festa do Pau da Bandeira como um evento de grande projeção regional, sem, contudo, descaracterizar suas raízes comunitárias e religiosas.

A carnavalização da celebração manifesta-se pela ampliação do caráter festivo e profano, resultante da fusão entre práticas devocionais e manifestações populares de entretenimento. O cortejo do pau da bandeira, inicialmente marcado pela devoção e pelo simbolismo do esforço coletivo em honra ao santo, passou a incorporar desfiles de blocos, apresentações musicais e expressões artísticas de massa, transformando o evento em um grande espetáculo público. Essa reconfiguração revela o diálogo constante entre tradição e modernidade, evidenciando como as práticas culturais populares se reinventam frente às demandas da sociedade urbana e midiática.

Por outro lado, o processo de folclorização da festa envolve sua apropriação simbólica por diferentes agentes (poder público, meios de comunicação, instituições turísticas e culturais) que reinterpretem a celebração como expressão representativa da identidade barbalhense. Essa dinâmica, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização e difusão da manifestação, também a submete a novas lógicas econômicas e políticas, transformando-a em produto cultural e instrumento de promoção territorial. Assim, o que outrora se constituía como rito essencialmente comunitário e religioso, adquire também uma dimensão performática e patrimonial.

Essas transformações observadas na Festa do Pau da Bandeira não representam a perda de autenticidade, mas a capacidade da cultura popular de se adaptar e dialogar com diferentes contextos sociais. A coexistência entre o sagrado e o profano, entre o religioso e o lúdico, compõe uma estética singular que confere vitalidade à manifestação. A festa, portanto, não se reduz a um evento turístico, mas reafirma-se como um espaço de negociação simbólica, onde memórias, identidades e pertencimentos se entrelaçam.

Portanto, o Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira representa a principal fonte para este roteiro pedagógico, servindo como base para a análise das transformações vivenciadas pela festa entre 1973 e 1977. Ao articular memória, tradição e modernidade, o documento fornece elementos essenciais para a construção de uma abordagem educativa que valorize a diversidade cultural, o pertencimento comunitário e a preservação do patrimônio imaterial da cidade de Barbalha.

Em resumo, o uso do dossiê como fonte primordial reforça a importância de documentos históricos e institucionais na investigação sobre as práticas culturais, contribuindo para a construção de um conhecimento crítico sobre a festa e sua relevância para a identidade local. A partir dessa fonte, o roteiro pedagógico busca promover uma reflexão sobre como as manifestações culturais se transformam ao longo do tempo, sem perder a conexão com suas raízes e seus significados mais profundos.

Ademais, a carnavalização e a folclorização da Festa do Pau da Bandeira revelam a complexidade dos processos culturais que atravessam as manifestações populares brasileiras. Ao mesmo tempo em que reafirmam a fé e a tradição, esses fenômenos revelam as dinâmicas de resistência, reinvenção e diálogo entre o passado e o presente, fazendo da celebração um patrimônio vivo, continuamente ressignificado pelos sujeitos que dela participam.

2.2.2 Imagens

No contexto da construção do Roteiro Pedagógico sobre a Festa do Pau da Bandeira, a iconografia se apresenta como uma fonte significativa, por meio da análise de fotografias, registros audiovisuais e elementos visuais que retratam os rituais e as mudanças na festa ao longo do tempo. As imagens não apenas ilustram momentos específicos da celebração, mas também permitem compreender aspectos sociais, culturais e simbólicos que marcam a tradição.

Nesse sentido, o historiador Paulo Knauss (2006, p. 99) destaca que “a imagem pode ser caracterizada como expressão da diversidade social, exibindo a pluralidade humana”. Essa abordagem ressalta como a iconografia pode revelar informações sobre a sociedade que

participa da festa, suas práticas, valores e transformações. Assim, cabe ao pesquisador interpretar cuidadosamente esses registros visuais para identificar elementos que auxiliem na reconstituição histórica da festa.

Ainda segundo Knauss (2006, p. 99), a imagem possui um forte potencial de comunicação, alcançando diferentes camadas sociais e ultrapassando fronteiras culturais. Portanto, a análise de fotografias, obras de arte e outras representações visuais contribui para ampliar a compreensão sobre o significado da Festa do Pau da Bandeira, evidenciando as relações entre o sagrado e o profano, o tradicional e o contemporâneo, que se entrelaçam na celebração.

A interação entre diferentes fontes iconográficas e documentais permitiu identificar detalhes como a evolução dos cortejos, as vestimentas, os grupos folclóricos participantes e o cenário urbano da cidade, enriquecendo a pesquisa e oferecendo uma visão mais abrangente sobre a história e a memória da festa.

As imagens utilizadas no meu roteiro pedagógico foram obtidas do site "Barbalha Esquecida", cujo objetivo é abordar assuntos relacionados a fatos esquecidos de nossa história, resgatando através da pesquisa informações importantes sobre o município de Barbalha. O site foi criado por Antonio Reginaldo Landim no dia 11 de janeiro de 2019, com o objetivo de divulgar os fatos que ficaram na história do município.

Antonio Reginaldo Landim, como é popularmente conhecido, nasceu em Barbalha, estado do Ceará, é professor da rede municipal, licenciado em geografia pela URCA – Universidade Regional do Cariri, Pós-Graduado em Gestão Escolar, concursado desde 1994. Foi radialista por muitos anos na antiga Rádio Salamanca, que depois passou a ser Rádio Cetama de Barbalha.

Além disso, foram utilizadas imagens retiradas do site oficial da Prefeitura Municipal de Barbalha. As imagens deste site apresentam a revitalização do casarão Hotel Municipal, um dos prédios históricos da cidade, contribuindo para a valorização do patrimônio material e a preservação da memória local.

Outra fonte iconográfica utilizada foi o site "Raízes de Concreto", que traz uma coletânea de fotografias e informações sobre o patrimônio histórico, cultural e arquitetônico da cidade de Barbalha. As imagens disponibilizadas retratam edifícios, praças, igrejas e outros espaços que fazem parte da memória urbana do município, proporcionando uma visão mais ampla sobre o cenário em que a Festa do Pau da Bandeira ocorre e sua relação com a cultura local.

2.3 DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio é um dos santos mais populares no Brasil. No Ceará, 11 municípios festejam Santo Antônio: Chaval, Caridade, Quixeramobim, Fortaleza, Itaitinga, Ocara, Antonina do Norte, Araripe, Barbalha, Jardim e Barro. Entre os dias 9 e 12 de junho, ocorrem quermesses. Na véspera do dia de Santo Antônio, 13 de junho, realiza-se o "mui animadíssimo Leilão de Santo Antônio", conforme descrito pelo Jornal Quixeramobim (1938). No dia dedicado ao santo, há uma "solene missa cantada", com a participação de todos os sacerdotes presentes em Quixeramobim. Após a missa matinal, celebra-se o dia 13 de junho, data da morte de Santo Antônio em 1231 (Quixeramobim, 1938).

Santo Antônio, considerado por Ronaldo Vainfas (2003) como o mais português de todos os santos, também se tornou o mais brasileiro entre eles. Sua forte ligação com os lisboetas se deve ao fato de ele ter nascido em Lisboa, com o nome de batismo Fernando Martins de Bulhões. Em 1232, o Papa Gregório IX canonizou Santo Antônio em Espoleto, na Itália, apenas um ano após sua morte. Sua popularidade cresceu e se consolidou em Lisboa, onde é conhecido como Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua, por ter atuado na cidade italiana por um tempo (Santos, 2015).

Curiosamente, Santo Antônio adquiriu diferentes títulos em diversos lugares, como Santo Antônio dos Caminhantes, Santo Antônio dos Pobres, e no pé da serra da Aratanha, no Ceará, em uma localidade chamada Pitaguari, é conhecido como Santo Antônio do Buraco. O culto a Santo Antônio no Brasil se popularizou durante a colonização portuguesa. O catolicismo que se espalhou pelo Brasil colonial foi influenciado pela mentalidade religiosa da Europa do século XVI, que fomentou o culto a figuras exemplares pela sua dedicação à Igreja e à fé em Deus (Pau, 1987).

A popularidade de Santo Antônio no Brasil foi tão grande que, segundo Ronaldo Vainfas (2003), nenhum outro santo contribuiu tanto para a nomeação de freguesias, cidades e vilas:

Só em Minas, até o século XIX, foram 118 localidades dedicadas ao santo de Lisboa, seguido de São Sebastião, com 88, e Santana, bem abaixo, com 27 citações. No período colonial, entre 1585 e 1650, dos 15 conventos fundados no Brasil pelos franciscanos, oito foram dedicados a Santo Antônio, dos quatro no Nordeste. Quanto a capelas de engenho em Pernambuco, Santo Antônio patrocinou nove oragos, empatando com Nossa Senhora do Rosário, seguido de perto por São João. Seu prestígio em Pernambuco era particularmente grande, mas não foi pequeno em várias outras capitâneas (Vainfas, 2003, p. 31)

A insegurança, as dificuldades e os desafios da vida no Brasil colonial intensificaram a devoção a Santo Antônio, que era extremamente popular em Portugal e conhecido por seus

inúmeros milagres e fervor na defesa do catolicismo. No contexto colonial, Santo Antônio foi visto como um protetor militar do território. Conforme Rafael Brondani dos Santos (2005, p. 2), a "intervenção antonina no Brasil" começou em 1595, em resposta às tentativas francesas de ocupar Salvador.

Santo Antônio também foi essencial nos conflitos militares, durante o período colonial, para manter as possessões territoriais portuguesas, sendo "condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei" (Vainfas, 2003, p. 2). Sua fama como "martelo dos hereges" no Brasil simbolizava a luta tanto contra os infiéis quanto pela preservação do território. Santo Antônio começou sua "carreira militar" na fortaleza da Barra da Bahia de Todos os Santos no final do século XVI e, ao longo do tempo, foi promovido a cargos mais elevados (Santos, 2005, p. 112).

Mas, a popularidade de Santo Antônio não se restringiu ao Brasil. A expansão colonial portuguesa na África também promoveu sua veneração, especialmente nas regiões ao redor dos rios Zaire e Cuanga. Marina de Mello e Souza (1998) observa que o projeto expansionista português, focado na incorporação de novas terras e na conversão das populações nativas, deixou marcas profundas na África Central, especificamente nas áreas habitadas pelos Bacongo, onde o catolicismo foi adaptado às crenças locais.

O culto a Santo Antônio no Brasil também se estendeu aos escravos e aos seus senhores. A devoção ao santo servia tanto para pedir ajuda divina na captura de escravos fugitivos quanto para proteger os escravos das expedições punitivas. Luiz Mott (1996) menciona o relato de Frei Antônio de Santa Maria do Jaboaão sobre um coronel que recorreu a Santo Antônio para recuperar seus escravos fugidos, obtendo sucesso após suplicar ao santo.

Vários colonos foram denunciados ou condenados pelo Tribunal da Inquisição de Lisboa por crimes que envolviam o uso do poder de Santo Antônio para recuperar escravos. Ronaldo Vainfas (2003) destaca que, no período colonial, havia uma grande intimidade entre Santo Antônio e seus devotos. A documentação inquisitorial revela essa proximidade, onde blasfêmias contra o santo eram severamente punidas, especialmente após o Concílio de Trento.

Santo Antônio também foi popular em regiões como Pacoval, no Pará, onde era considerado o "guardião dos quilombolas". Eurípedes Funes relata que:

Outra questão interessante acerca do culto a Santo Antônio no Brasil, refere-se à comunidade de Pacoval, situada no município de Alenquer, no Pará, na margem direita do rio Curuá. Eurípedes Funes, que fez pesquisas junto à citada comunidade, diz que a maior parte dos moradores de Pacoval, aproximadamente 120 famílias, seriam "remanescentes dos mocambeiros do Inferno, afluentes do rio Curuá, destruído em 1876 pelo governo provincial mediante o emprego de medidas suasórias". O padroeiro dessa comunidade remanescente de quilombo é Santo Antônio. Eurípedes observa que Santo Antônio exerceu a função de "guardião dos quilombolas", devendo,

portanto, alertá-los sempre que o perigo fosse iminente. “Em momento ele ficava de costa, era o sinal pro pessoal se arretirá” (Funes, 1997, p. 138)

Em resumo, a devoção a Santo Antônio no Brasil colonial permeou diversos aspectos da vida cotidiana, desde a defesa militar e territorial até a proteção de escravos e a resolução de problemas diários. Sua influência foi profunda e multifacetada, refletindo a complexidade da religiosidade no período colonial.

A Festa de Santo Antônio é uma marca distintiva de Barbalha, refletindo sua identidade e enchendo de orgulho seus moradores pela magnitude, visibilidade e simbolismo. Entre o final de maio e início de junho, barbalhenses que moram fora retornam às suas raízes e turistas invadem as ruas da cidade, caracterizadas por casarões centenários (Cascudo, 1998).

O Dia do Pau, com o carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira, é o ápice do calendário de Barbalha, como sugere a música local: “Meu padroeiro, esperei o ano inteiro”. Esta festa insere-se no ciclo das festas juninas, que dominam o Nordeste do Brasil em junho (Gamboso, 1994).

A celebração do padroeiro em Barbalha é profundamente influenciada pela cultura popular, dando um tom festivo e único à devoção. A reverência a Santo Antônio é acompanhada por cachaça, expressões sensuais em torno do Pau do Santo, e várias celebrações paralelas, demonstrando a irreverência e criatividade da religiosidade popular brasileira (Freyre, 2003).

Além disso, a devoção a Santo Antônio no Brasil remonta ao período colonial, com Fernando de Bulhões, nascido em Lisboa em 1195, tornando-se Antônio após ingressar na ordem franciscana. Ele ganhou fama em Pádua como pregador e taumaturgo, morrendo em 13 de junho de 1231 e sendo canonizado rapidamente. Sua popularidade em Portugal foi transferida para o Brasil Colônia, onde se tornou um dos santos mais venerados (Neves, 1988).

Luiz Mott (1996) destaca que o santo foi invocado até para encontrar escravos fugitivos, ganhando o apelido de “divino capitão-do-mato”. Nas religiões afro-brasileiras, Santo Antônio é sincretizado com o orixá Ogum. A veneração também envolvia práticas como submeter a imagem do santo a torturas até que a graça desejada fosse concedida, demonstrando a intimidade dos fiéis com o santo.

A Festa de Santo Antônio de Barbalha é uma celebração complexa, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial. O inventário do Iphan (2015) documenta suas várias manifestações culturais, como corte e hasteamento do Pau da Bandeira, desfiles, danças, ofícios tradicionais e locais históricos, revelando a riqueza cultural e histórica desta celebração caririense.

Atualmente, a devoção a Santo Antônio se manifesta de diversas formas, incluindo sua popularidade entre os militares e sua reputação de casamenteiro, santo das coisas perdidas e “pão dos pobres” (Pilonetto, 1995, p. 41-42).

Sua fama de "deparador" (aquele que encontra o perdido) fez com que Santo Antônio fosse invocado pelos senhores coloniais para localizar escravos fugidos, o que levou Luiz Mott a escrever um interessante artigo no qual o santo de Lisboa é retratado como um "divino capitão-do-mato". Por outro lado, a popularidade do santo foi igualmente vivenciada pelas pessoas de cor, escravas ou livres, uma vez que, nas religiões afro-brasileiras, Santo Antônio tornou-se o orixá guerreiro Ogum (Mott, 1996).

Sua reputação de casamenteiro fez com que, no dia 12 de junho, véspera do dia dedicado à sua memória, inúmeras brincadeiras, simpatias e magias fossem realizadas com o intuito de obter visões do futuro sobre o destino amoroso dos participantes. Relacionado a esse simbolismo, o dia 12 de junho foi escolhido como o Dia dos Namorados no Brasil. Em Barbalha, o poder casamenteiro de Santo Antônio leva as mulheres solteiras a tocar o Pau da Bandeira e a beber o chá feito de suas lascas. Misturando devoção com elementos de galhofa, os barbalhenses perpetuam a carreira matrimonial de Santo Antônio por meio das práticas em torno do Pau da Bandeira (Sinzing, 1922).

Por esse motivo, não se pode visitar Barbalha sem conhecer a mais ilustre solteira da cidade, conhecida por dominar todas as simpatias relacionadas ao santo casamenteiro, Santo Antônio. Na casa com uma imagem do santo na fachada, reside a "rainha das solteironas" de Barbalha.

Há uma década, a advogada Socorro Luna coordena a festa das solteironas de Barbalha. A “solteirona” como é renomada, cria *kits* de primeiros socorros para mulheres solteiras, uma inovação que atribui à inspiração de Santo Antônio. Esses kits, que incluem pedaços do mastro da bandeira de Santo Antônio, são altamente desejados pelas solteiras. Cada *kit* contém um pedaço da casca do mastro, uma medalha com a inscrição "Santo Antônio, tende piedade de nós, as solteironas", uma medalha de Santo Antônio e uma oração especial pedindo um namorado bom, fiel e com pressa para o matrimônio.

Além da oração, há também o chá casamenteiro, cujo principal ingrediente são pedaços do mastro da bandeira de Santo Antônio. A advogada adverte que o chá é contraindicado para aqueles que não desejam casar. O chá deve ser consumido em gotas, especialmente se a solteirice for aguda, devendo-se tomar 13 gotas, quatro vezes ao dia, durante 13 dias.

A empresária Sandra Mendes, vinda de São Paulo, relata que há uma fila de espera para o chá casamenteiro em sua cidade. Ela veio especialmente para adquirir o chá e outros itens,

acreditando que está na hora de um bom casamento. A barraca das solteironas e o chá casamenteiro são um sucesso na festa de Santo Antônio, com filas e muita procura, e todo o dinheiro arrecadado é destinado à igreja (Castro, 2011).

Outro exemplo é o engenheiro civil Roberto Machado Leite Machado, que testemunha o poder de Santo Antônio. Após sua noiva, a cientista política Cláudia Helena Jorge, conseguir tomar o chá casamenteiro, ele passou a planejar o casamento, algo que anteriormente não imaginava. Roberto até doou sua caderneta de contatos no dia do casamento, reconhecendo a influência do santo (Castro, 2011).

A identificação da população com seu orago é o elemento central que alicerça a Festa de Santo Antônio de Barbalha. O objetivo do inventário promovido pelo Iphan foi lançar luz sobre essa grandiosa celebração brasileira, um Patrimônio Cultural Imaterial composto por diversos bens culturais, transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pela comunidade barbalhense, engendrando um sentimento de pertença e continuidade essencial para suas identidades e memória (Duarte, 1979).

Para representar com riqueza de detalhes essa festividade e a interação entre história, cultura e meio ambiente que a permeia, buscou-se, ao longo do inventário, visualizar suas principais celebrações (Corte do Pau da Bandeira, Benção da Bandeira, Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira, Desfile dos Grupos de Folguedos, Trezena de Santo Antônio, Procissão de Santo Antônio), formas de expressão (Bandas Cabaçais, Capoeira, Dança da Maresia, Dança de São Gonçalo, Dança do Capim da Lagoa, Dança do Coco, Dança do Maneiro Pau, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Lapinhas, Incelências, Penitentes, Quadrilhas, Reisado de Congo e Reisado de Couro), ofícios (Carregador da Bandeira, Carroça da Cachaça, Comida dos Carregadores, Confeção da Bandeira, Confeção das Máscaras do Reisado, Confeção dos Objetos Rituais dos Penitentes, Cortadores do Pau, Fabricação do Guincho, Ornamentação do Carro Andor e Fabricação das Tesouras), lugares (Barbalha, Bairro Bela Vista, Sítio Flores, Praça da Matriz, Rua da Matriz, Rua do Vidéo e Sítio São Joaquim) e edificações (Biblioteca Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, Casarão Hotel, Centro de Hipertensão e Diabetes, Chalé das Freiras, Cineteatro, Igreja do Rosário, Igreja Matriz de Santo Antônio e Palacete dos Alencar), conforme menciona o Iphan (2013), em sua revista “Sentidos de Devoção: Festa e Carregamento em Barbalha”.

A Festa de Santo Antônio de Barbalha é, portanto, um caleidoscópio formado por uma infinidade de bens associados – cinquenta e um ao todo – revelando a riqueza cultural e histórica dessa celebração caririense, digna de ser registrada e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

2.4 TRANSFORMAÇÕES DA FESTA NO PERÍODO DE 1973 À 1977

A folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, entre os anos de 1973 e 1977, reflete um processo de transformação cultural impulsionado pelo Poder Executivo da época. Essa fase foi marcada por intervenções governamentais que alteraram aspectos tradicionais da festividade, buscando consolidá-la como um evento de interesse turístico e patrimonial.

O governo municipal, nesse período, adotou medidas que visavam estruturar a festa dentro de um modelo mais organizado e institucionalizado. A partir de 1973, começaram a ser implementadas ações para regulamentar o cortejo do pau da bandeira, definindo normas para a sua condução e transporte pelas ruas da cidade. Esse controle tinha como objetivo evitar excessos e consolidar a imagem do evento como um patrimônio cultural seguro e atrativo (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013).

Um dos aspectos mais evidentes dessa folclorização foi a introdução de elementos simbólicos que reforçavam a identidade da festa como manifestação típica do Cariri. O Poder Executivo, na pessoa do Prefeito Fabriano Livônio Sampai, incentivou a participação de grupos folclóricos locais, como os reisados e as quadrilhas juninas, inserindo apresentações culturais no calendário oficial da festividade (Barbalho, 1998). Dessa maneira, buscava-se fortalecer a relação da festa com a cultura nordestina, ao mesmo tempo em que se ampliava seu apelo turístico.

No âmbito da infraestrutura, a Prefeitura passou a investir na melhoria das vias públicas por onde o cortejo passava, bem como na organização do espaço destinado aos espectadores. A partir de 1974, foram criadas áreas específicas para a recepção de visitantes, além da instalação de barracas padronizadas para a comercialização de comidas e bebidas típicas. Esse processo evidenciava a intenção do Poder Executivo de transformar a festa em um evento economicamente sustentável (Oliveira, 1999).

O incentivo à presença de autoridades e figuras públicas na Festa do Pau da Bandeira também foi uma estratégia utilizada pelo governo municipal para dar maior visibilidade ao evento. Durante os anos de 1975 e 1976, houve um aumento significativo na participação de políticos locais e estaduais, que passaram a integrar os festejos e a utilizar a festividade como plataforma para divulgação de suas gestões (Barbalho, 1998).

A regulamentação da festividade passou a ser discutida mais amplamente em 1976, com a proposta de criação de um conselho gestor responsável por supervisionar a organização do evento. Esse conselho seria composto por representantes da administração municipal, membros da Igreja Católica e líderes comunitários, com o intuito de preservar a tradição ao mesmo tempo em que se buscava uma maior institucionalização da festa (Cardoso, 2013).

A influência do Poder Executivo na organização da festividade também se manifestou por meio da publicidade oficial. A partir de 1977, o governo municipal passou a divulgar amplamente a Festa do Pau da Bandeira em jornais e rádios locais, reforçando seu caráter como atração turística e patrimônio cultural de Barbalha. Esse esforço contribuiu para aumentar o fluxo de visitantes e consolidar a festa como um dos eventos mais importantes do calendário nordestino (Barbalho, 1998).

Outro impacto significativo da intervenção governamental foi a modificação na estrutura das apresentações artísticas. Antes mais espontâneas e voltadas para a participação popular, algumas performances passaram a ser ensaiadas previamente e organizadas com maior rigor, o que gerou debates sobre a autenticidade das manifestações culturais inseridas na festa.

Apesar dessas transformações, a relação entre a tradição e a modernização da festa não foi isenta de tensões. Alguns setores da comunidade expressaram preocupações com a descaracterização dos rituais tradicionais, temendo que o crescimento do evento em termos turísticos pudesse comprometer seu significado religioso e comunitário.

A Igreja Católica também desempenhou um papel central nesse processo, buscando garantir que as mudanças implementadas pelo Poder Executivo não afastassem a festividade de sua essência devocional. Em várias ocasiões, representantes do clero intervieram para assegurar que a Festa do Pau da Bandeira continuasse a ser uma celebração de fé, e não apenas um espetáculo para atrair turistas.

Além disso, a valorização dos grupos folclóricos e das manifestações culturais populares gerou um impacto positivo ao proporcionar maior reconhecimento e incentivo para artistas e músicos locais. Essa inclusão reforçou o papel da festa como um espaço de expressão da cultura caririense, mesmo diante das transformações promovidas pela gestão pública.

Em meio a esse contexto, é possível perceber que a festa passou a desempenhar uma função ainda mais ampla dentro da sociedade barbalhense. Além de sua relevância religiosa, ela se consolidou como um evento que mobiliza diferentes segmentos da população e atrai visitantes de diversas partes do país, contribuindo para a economia local.

Por fim, a folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio nos anos de 1973 a 1977 demonstra como a gestão pública teve um papel determinante na configuração atual da

festividade. As transformações implementadas nesse período foram fundamentais para a manutenção e expansão do evento, tornando-o um dos maiores símbolos culturais da região do Cariri.

3. DISCUSSÃO SOBRE O PRODUTO

Interessante ressaltar que o mestrado profissional (MP) constitui uma modalidade diferenciada dentro da pós-graduação *stricto sensu*, priorizando a disseminação do conhecimento científico para profissionais que atuam em suas respectivas áreas. Dessa forma, o MP tem como finalidade principal estreitar a relação entre a produção acadêmica e a sociedade, incentivando a aplicação prática do conhecimento gerado.

Nesse sentido, a exigência da produção de um produto final no âmbito do MP configura-se como um diferencial em relação à pós-graduação *stricto sensu*, pois reforça a aplicabilidade do conhecimento gerado. Dessa forma, busca-se estabelecer um elo mais estreito entre a universidade e a comunidade.

O Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UNICAP, alinhado com essa perspectiva, valoriza a integração entre a formação acadêmica e a prática profissional. Dentro desse escopo, enfatiza-se a necessidade de desenvolver pesquisas inovadoras que resultem em produtos aplicáveis ao ensino de história e à formulação de políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural das comunidades municipais (Portal UNICAP, 2024).

Nesse contexto, é fundamental incentivar os mestrandos a produzirem pesquisas que resultem em produtos científicos com impacto prático e social. Além disso, o processo de elaboração do produto deve estar vinculado à ideia de comunicação científica acessível, possibilitando que os resultados das pesquisas cheguem ao público de maneira clara e integrada.

Diante desse cenário, a pesquisa busca aproximar a universidade da sociedade, promovendo a divulgação pública da produção acadêmica por meio de produtos de relevância social. Dessa forma, a história pública surge como uma vertente fundamental para a democratização do conhecimento historiográfico.

Conforme exposto pelo historiador Ricardo Santiago, a história pública tem se expandido significativamente, tornando-se um campo de reflexão sobre as diversas formas de interação entre a história e seus públicos (Santiago, 2018, p. 287-288).

A história pública, no entanto, não se restringe à mera divulgação de conteúdos históricos, pois propõe modelos participativos que rompem com a visão tradicional de um passado monopolizado por especialistas. Assim, ela se manifesta por meio de variadas iniciativas, como revistas, jogos educativos, exposições interativas, documentários e plataformas digitais, garantindo que o conhecimento seja acessível a diferentes públicos.

No entanto, para que esse conhecimento seja legitimado e cumpra sua função social, é essencial que o historiador empregue métodos rigorosos de pesquisa, seguindo todas as etapas do processo acadêmico. Isso inclui desde a formulação do problema de pesquisa até a submissão do produto final à avaliação dos pares.

O produto que resultou dessa pesquisa se trata de roteiro, titulado “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: Um passeio pelos elementos culturais da festa”, desenvolvido para atender principalmente aos docentes da rede pública de ensino, mas também pode ser utilizado por estudantes, pesquisadores e demais interessados em compreender as transformações da Festa de Santo Antônio, utilizando o roteiro cultural de Barbalha como um meio de aprofundamento sobre a celebração. O formato digital foi escolhido devido à sua ampla acessibilidade, possibilitando a distribuição gratuita e eficiente para as escolas, bibliotecas e comunidades locais, além de ser uma ferramenta versátil que pode ser atualizada e adaptada conforme necessário.

A escolha do roteiro pedagógico como estrutura principal se justifica pela necessidade de oferecer um percurso guiado que permita aos estudantes e professores compreenderem a Festa do Pau da Bandeira para além do dia do carregamento do mastro, inserindo-a dentro do contexto cultural mais amplo da cidade. Assim, o roteiro funciona como um suporte didático para aprofundar o estudo da festividade, utilizando os pontos relevantes e os grupos folclóricos como elementos complementares que ajudam a explicar as origens, transformações e significados da festa ao longo do tempo.

O público-alvo principal do roteiro são os professores de História, que poderão utilizá-lo como suporte didático para abordar o patrimônio cultural de Barbalha em sala de aula, e áreas afins. Contudo, o material também foi pensado para atender a alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, incentivando-os a desenvolverem um olhar crítico e reflexivo sobre as manifestações culturais locais. Ao mesmo tempo, pesquisadores e gestores culturais podem encontrar no roteiro uma fonte de informações relevantes para a elaboração de políticas públicas e projetos culturais.

A aplicabilidade do produto é um dos seus principais diferenciais. O roteiro foi estruturado de forma a permitir sua utilização em diferentes contextos educacionais, seja como material de apoio para aulas teóricas ou como guia prático para visitas pedagógicas. Os roteiros curtos e longos, por exemplo, foram elaborados para atender às necessidades de professores com diferentes tempos e recursos disponíveis, oferecendo flexibilidade e adaptabilidade ao planejamento das aulas.

Outro aspecto importante do formato digital é a possibilidade de personalização. Os professores podem selecionar os tópicos que considerarem mais relevantes para suas turmas, adaptando o conteúdo às especificidades de seus alunos. Além disso, o roteiro pode ser complementado com atividades interativas, como quizzes e jogos, que podem ser incorporados às aulas por meio de plataformas digitais, ampliando o engajamento dos estudantes.

A escolha do formato também levou em consideração a sustentabilidade e o impacto ambiental. Diferentemente de materiais impressos, o roteiro não requer o uso de papel ou outros recursos físicos, contribuindo para a redução de resíduos. Essa característica é especialmente relevante em um contexto educacional que busca integrar práticas sustentáveis ao currículo escolar.

Do ponto de vista técnico, o roteiro foi projetado para ser acessível em diferentes dispositivos, como computadores, *tablets* e smartphones. Essa versatilidade facilita o acesso ao material por professores e alunos, independentemente de sua localização ou condição socioeconômica. Além disso, a compatibilidade com formatos de leitura como PDF e ePub garante que o conteúdo seja visualizado de forma clara e organizada em qualquer plataforma.

A circulação do produto será promovida por meio de parcerias com secretarias de educação, escolas e instituições culturais de Barbalha. Além disso, o roteiro pode ser disponibilizado em plataformas digitais, como o site oficial da prefeitura, bibliotecas virtuais e redes sociais, ampliando seu alcance e garantindo que ele chegue ao maior número possível de pessoas.

Portanto, considera-se que a aplicabilidade do roteiro também se estende à formação continuada de professores, que podem utilizá-lo como recurso para aprofundar seus conhecimentos sobre a história e a cultura local. Ao promover o diálogo entre tradição e modernidade, o material contribui para o fortalecimento da identidade cultural e para o desenvolvimento de uma educação patrimonial crítica e reflexiva.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto final deste trabalho consiste em um Roteiro Pedagógico intitulado “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: Um passeio pelos elementos culturais da festa”, desenvolvido com o objetivo de auxiliar professores na abordagem da história da Festa do Pau da Bandeira, em especial suas transformações, e das manifestações culturais de Barbalha, especialmente em salas de aula da rede pública de ensino. O roteiro foi elaborado para promover a valorização do patrimônio histórico e cultural local, com destaque para a Festa do Pau da Bandeira, os grupos folclóricos e prédios históricos vinculados à festividade.

O material foi estruturado de forma a possibilitar uma experiência de aprendizagem significativa, articulando história, cultura e vivências práticas. Na Parte I, apresenta-se um panorama histórico e geográfico de Barbalha, conhecida como a “Terra dos Verdes Canaviais”, contextualizando o município e sua relevância cultural. Na Parte II, é abordada a Festa do Pau da Bandeira, sua origem, significado religioso, transformações e importância para a identidade local.

A Parte III traz um mapa que orienta o percurso do roteiro pedagógico, que consistem em visitas guiadas a pontos históricos e culturais diretamente relacionados à festa. Mais do que indicar locais, o roteiro propõe uma imersão nos significados históricos, culturais e simbólicos de cada ponto, fortalecendo o vínculo dos estudantes com a identidade local e o patrimônio imaterial.

A primeira parada é o Sítio Flores, também conhecido como Sítio São Joaquim, tradicional espaço do corte do mastro. Embora, historicamente, o Sítio São Joaquim tenha sido o local de escolha, desde 2003 o Sítio Flores passou a ser incluído na tradição. Pertencente a Benjamin Soares Sampaio, o corte das árvores é autorizado pela Secretaria de Meio Ambiente de Barbalha, evidenciando o cuidado com a preservação ambiental. Logo na chegada, os visitantes recebem uma introdução sobre a relevância cultural e histórica do local, entendendo que a escolha e o transporte do mastro representam não apenas um momento central da festa, mas também um ato que fortalece os laços comunitários e mantém viva a memória coletiva.

Em seguida, o percurso conduz à Igreja Matriz de Santo Antônio, um dos mais expressivos marcos históricos e religiosos da cidade. Sua capela original foi fundada em 1760, sendo elevada a paróquia em 1838, e a construção da igreja atual teve início em 1785. Como epicentro das celebrações religiosas, a Matriz é ponto de chegada do cortejo e símbolo da devoção a Santo Antônio, integrando passado e presente na vivência comunitária.

Outro ponto de destaque é a Biblioteca Municipal e União das Associações de Barbalha (UNAB), instaladas no antigo Casarão Hotel, um dos imóveis mais tradicionais do centro histórico. Restaurado em 2022 com recursos da Secretaria de Cultura, o prédio mantém sua arquitetura original e abriga um acervo valioso sobre a história de Barbalha e da Festa do Pau da Bandeira, funcionando como espaço de pesquisa e preservação da memória. A presença da UNAB reforça o papel do local como centro de articulação cultural e comunitária.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cuja construção foi iniciada em 1860 e concluída em 1921, guarda a memória da Irmandade formada por escravos negros que idealizaram e iniciaram a obra. O templo simboliza resistência, fé e identidade da comunidade negra barbalhense, mantendo uma ligação direta com a Festa de Santo Antônio. A rota entre a Igreja do Rosário e a Matriz de Santo Antônio representa não apenas um trajeto físico, mas também um elo histórico e cultural entre dois importantes marcos da religiosidade local.

Na Escola de Saberes de Barbalha (ESBA), os estudantes entram em contato com a dimensão imaterial da festa. O espaço é dedicado à preservação e transmissão de saberes tradicionais, como artesanato, música, dança e narrativas orais, fundamentais para a continuidade das tradições. Atuando em rede com outras iniciativas culturais do Ceará, a ESBA promove educação patrimonial, incentivando uma formação cidadã crítica e a valorização da memória coletiva, conforme orientações da UNESCO e do IPHAN.

O roteiro contempla também um mergulho nos grupos folclóricos e manifestações culturais presentes na festa. São detalhados o Reisado (em suas variantes de Congo, Couro/Caretas e Bailes), as Ordens Penitentes (Irmãos da Cruz, Irmandade da Santa Cruz e Santas Missões) e outras expressões como Capoeira, Incelências, Dança de São Gonçalo, Dança do Pau de Fitas, Maneiro Pau, Lapinha, Quadrilhas Juninas e Bandas Cabaçais. Além da descrição histórica e cultural, cada manifestação é apresentada como potencial recurso pedagógico.

Na Parte IV, são discutidas estratégias para a salvaguarda do desfile dos grupos de folguedos e das bandas cabaçais, reforçando a necessidade de preservação e transmissão dessas práticas às novas gerações. Em seguida, a Parte V apresenta dicas de leitura que ampliam o repertório cultural e histórico sobre Barbalha e a Festa do Pau da Bandeira, enquanto a Parte VI traz sugestões de atividades pedagógicas, que podem ser aplicadas antes, durante ou após as visitas, estimulando o protagonismo dos estudantes e a aprendizagem significativa.

Essas atividades buscam incentivar a participação ativa e o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e colaborativas, ao mesmo tempo que fortalecem o vínculo dos estudantes com o patrimônio cultural da cidade.

Entre as propostas estão debates sobre o impacto das mudanças da festa na identidade local; rodas de conversa para compartilhar experiências de visita; produções textuais que registrem impressões sobre os espaços culturais e grupos folclóricos; elaboração de cartazes e maquetes representando os elementos visuais e arquitetônicos da cidade; apresentações orais sobre pontos turísticos; e um jogo de perguntas e respostas (*quiz*) para revisar os conteúdos de forma lúdica. Essas atividades oferecem aos professores ferramentas para promover aprendizagens significativas, estimulando o protagonismo estudantil e a valorização da história, das tradições e dos símbolos culturais de Barbalha.

Assim, este Roteiro Pedagógico propõe uma metodologia ativa de ensino, na qual o professor atua como mediador e o aluno se torna explorador e protagonista do conhecimento. Trata-se de um material que une pesquisa, preservação cultural e prática pedagógica, contribuindo para que a Festa do Pau da Bandeira e seus elementos culturais sejam vivenciados, compreendidos e valorizados pela comunidade escolar e pela sociedade.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

O tema abordado investiga as transformações da Festa do Pau da Bandeira e Cultura Local de Barbalha, através da integração da educação patrimonial, práticas pedagógicas interativas e visitas a espaços históricos e culturais da cidade. O principal público-alvo são os professores da rede pública de ensino, que terão à disposição um material didático estruturado para facilitar o ensino da história e das tradições culturais de Barbalha em sala de aula e em atividades extracurriculares.

A inovação do produto está na forma como combina teoria e prática, proporcionando uma experiência imersiva aos alunos por meio de visitas guiadas, atividades pedagógicas e reflexões sobre a preservação do patrimônio cultural. O roteiro foi desenvolvido para ser versátil e adaptável, podendo ser utilizado em diferentes componentes curriculares, como História, Geografia, Artes e Língua Portuguesa, bem como em projetos interdisciplinares que dialoguem com a cultura local.

Além disso, outro aspecto inovador do produto é a possibilidade de uso digital, garantindo acessibilidade e ampla circulação entre os docentes e gestores educacionais. O material pode ser compartilhado em plataformas educacionais, disponibilizado em redes de ensino e utilizado em formações continuadas de professores, tornando-se um recurso de capacitação para docentes interessados na valorização do patrimônio cultural como ferramenta pedagógica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste roteiro pedagógico foi uma experiência profundamente enriquecedora, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. A escolha do tema não foi apenas uma decisão acadêmica, mas também um reflexo da minha identificação com Barbalha, uma cidade que me acolheu e pela qual desenvolvi um grande apreço. Viver em Barbalha permitiu-me perceber a riqueza de sua história e cultura, bem como os desafios enfrentados pela região em termos de valorização e preservação do seu patrimônio imaterial.

A festa do Pau da Bandeira e os elementos culturais que a compõem são uma expressão vibrante da identidade local. No entanto, ao longo deste trabalho, tornou-se evidente que há uma carência significativa de informações sistematizadas e materiais didáticos que possibilitem aos estudantes e à comunidade em geral um acesso mais amplo e aprofundado a essas tradições. Muitas vezes, o conhecimento sobre a história e os costumes locais é transmitido apenas por meio de dizeres populares, o que, embora valioso, limita a compreensão mais ampla e crítica sobre o tema.

Esse contexto reforçou minha motivação para desenvolver um produto que pudesse servir como um recurso educativo acessível e relevante, tanto para professores quanto para estudantes da rede pública de ensino. Ao criar um roteiro que combina visitas a prédios históricos e grupos folclóricos, busquei não apenas transmitir informações, mas também incentivar o envolvimento ativo dos alunos com sua própria cultura, despertando neles um senso de pertencimento e orgulho pela história de sua cidade.

A identificação pessoal com o tema também foi um fator determinante para a escolha deste trabalho. Morar em Barbalha e vivenciar a hospitalidade de seu povo, a beleza de suas tradições e a força de suas celebrações foi transformador. Essa proximidade me permitiu compreender as nuances da cultura local e perceber a importância de registrar e valorizar esses elementos para as gerações futuras.

Acreditar na educação como um agente transformador e no potencial das novas gerações para preservar e reinventar suas tradições foi o que guiou cada etapa deste projeto. A proposta do roteiro pedagógico é justamente proporcionar aos estudantes uma visão mais ampla e fundamentada sobre a cultura local, fortalecendo sua identidade e estimulando a valorização de seu patrimônio cultural.

Espero que este trabalho possa contribuir para a formação de uma nova perspectiva sobre a história e a cultura de Barbalha, ajudando a superar a carência de materiais didáticos e promovendo um diálogo mais rico e fundamentado sobre o tema. Mais do que um produto

acadêmico, este roteiro é uma celebração do que Barbalha tem de mais especial: sua gente, sua história e sua cultura. Afinal, preservar a memória e valorizar as tradições é, acima de tudo, um ato de amor e respeito pela terra que nos acolhe e nos transforma.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira; BEZERRA, Sandra Nancy Freire. **Festa de Santo Antônio de Barbalha: Patrimônio de fé, devoção e carnavalização**. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Moraes da. (Org.). Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013,

AMARAL, R. **Festa à brasileira**: sentidos do festejar no país que não é sério. Publicação eletrônica eBooksBrasil.org, 2001. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

APEC. **Fundo**: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Governador do Estado do Ceará José Clarindo de Queiroz. 15/06/1891. Caixa: 21 B, pasta 9 (1847-1921), fl. s/n.

BRITO, Maria do Socorro. **Mudanças na organização do espaço**: o novo e o velho no Cariri canavieiro cearense. Fortaleza: IOCE, 1985.

CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CASTRO, Beatriz. **Chá do padroeiro dos casamenteiros faz milagre e acaba com a solteirice**. G1 Globo Repórter, Barbalha, Ceará, 24 jun. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/06/cha-do-padroeiro-dos-casamenteiros-faz-milagre-e-acaba-com-solteirice.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. **Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem**: Uma Análise do Cariri no Século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 39, 2011, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu, ANPEC, 2011, p. 2. Disponível em: <http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000-b3c878c112b2367b0dd6c566dce85b2d.pdf>. Acesso em: 16 de jul. 2024.

DAMATTA, R. **Você sabe com quem está falando**. Carnavais, malandros e heróis, v. 3, 1979.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. (Vol. 7).

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

DUARTE, T.C. **Saudação a S. Antônio**. Revista Itaytera, Crato, n. 23, 1979.

FÉ e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. Diário do Nordeste. Fortaleza, 01 jun. 1988.

FEIJÓ DE SÁ, Maria Yacê Carleial. **Os homens que faziam o Tupinambá Moer: experiência e trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. p. 42.

FUNES, Eurípedes A. **Nasci nas Matas nunca Tive Senhor – história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Resgate (Revista Interdisciplinar de Cultura). Campinas, p.138, n. 7, 1997.

FRAZER, Sir James George. **O Ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GAMBOSO, V. **Vida de Santo Antônio**. Aparecida-SP: Santuário, 1994.

IPHAN-CE. **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Organização Igor de Menezes Soares ; Ítala Byanca Moraes da Silva. Fortaleza: Iphan, 2013.

LIMA, Gorete Pereira Amorim. Gorete Pereira Amorim Lima. **Entrevista** [09 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira dos Santos. Barbalha, 2003.

MARTINS FILHO, A.; GIRÃO, R. **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

MOTT, L. **Santo Antônio. O divino capitão-do-mato**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEVES, N.T. **Pequena história da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha**. Barbalha-CE, 1988.

OLIVEIRA, Almir de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1835-1861)**. Compilação das Leis Provinciais do Ceará - compreendendo os anos de 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Ed. fac-sim. Fortaleza: INESP, 2009.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. **Correspondência de Luís da Câmara Cascudo: arquivos da criação e redes de sociabilidade intelectual**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13092016-134518/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

PAU de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, p.5, 7 jun. 1987.

PEIXOTO, Pedro Fernando Viana. **A festa de Santa Quitéria de Frexeiras: memórias das festas e Romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns-PE**. 2024. 76f. Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado Profissional em História, 2024.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: [s.n.], 1950.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes.** Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.

PRACIANO, Ivonildo. **Festa de Santo Antônio tem o mesmo cheiro de terra.** O Povo. Fortaleza, 02 jun. 1993.

QUIXERAMOBIM. **A tradicional festa de Santo Antônio.** O Nordeste. Fortaleza, p.22, 29 jun. 1938.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. **Os homens que faziam o Tupinambá moer: experiência e trabalho em engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980).** 2007. 362f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2007.

SANCHIS, P. **Arraial: festa de um povo, as festas católicas portuguesas.** Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Lidia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850).** 144f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

SANTOS, Rafael Brondani dos. **Santo Soldado: Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista.** In: Simpósio Nacional de História (ANPUH), XXIII, 2005, Londrina. Anais eletrônicos... Londrina: UFPR, 2005. p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0839.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SANTOS, Isabel Dâmaso. **Las fiestas de San Antonio em Lisboa: Manifestaciones de cultura popular en espacio urbano.** Disponível em: <<http://193.147.33.53/selicip/images/stories/actas4/comunicaciones/globalizacion/DAMASO.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades.** 112f. João Pessoa, 2015.

SILVA, Josier Ferreira da. **Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé.** In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Moraes da. (Org.). Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013.

SILVA, Jane. **Um “Oásis” Chamado Cariri:** Instituto Cultural do Cariri, Natureza, Paisagem e Construção Identitária do Sul Cearense (1950-1970) / Jane Silva. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 267 p. 2019.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. Tempo. Rio de Janeiro, n. 11, p. 172. Ver também: SOUZA, Marina de Mello e; VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. Tempo. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 95-118, 1998.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

STUDART, Guilherme. Descrição do município de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Economica, 1888, t. II, p. 9.

STUDART, Guilherme. Geographia Physica e Politica da Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Minerva, t. XXIV, 1910.

VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política**. Revista USP. São Paulo, n. 57, março/maio 2003

8. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marta. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira**: sentidos do festejar no país que não é sério. Publicação eletrônica eBooksBrasil.org, 2001. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ANDRADE, Mário de. **O Baile das Quatro Artes**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1937.

APEC. **Fundo**: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Governador do Estado do Ceará José Clarindo de Queiroz. 15/06/1891. Caixa: 21 B, pasta 9 (1847-1921), fl. s/n.

BARBALHA ESQUECIDA. **Igreja Matriz de Barbalha**. Disponível em: <https://barbalhaesquecida.home.blog/2020/06/14/igreja-matriz-de-barbalha/>. Acesso em: 06 out. 2024.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE, 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. História, 2010.

BUENO, D. de A.; URBAN, A. C. Educação histórica e patrimônio cultural: contribuição para o ensino de história. **Vivências**, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 235–248, 2024.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Parecer nº 51/DPI/IPHAN/MinC: Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha/CE**. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_dpi_santo_antonio_barbalha.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRITO, Maria do Socorro. **Mudanças na organização do espaço**: o novo e o velho no Cariri canavieiro cearense. Fortaleza: IOCE, 1985.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade, 4 ed., 7 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). **Dicionário temático de patrimônio**. 1ed. São Paulo: Unicamp, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Editora Itatiaia, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 1978.

CASTRO, Beatriz. **Chá do padroeiro dos casamenteiros faz milagre e acaba com a solteirice**. G1 Globo Repórter, Barbalha, Ceará, 24 jun. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/06/cha-do-padroeiro-dos-casamenteiros-faz-milagre-e-acaba-com-solteirice.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. **Escola de Saberes Tradicionais de Barbalha**. Mapa Cultural do Ceará. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/36735/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. **Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem: Uma Análise do Cariri no Século XIX**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 39, 2011, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu, ANPEC, 2011, p. 2. Disponível em: <http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000-b3c878c112b2367b0dd6c566dce85b2d.pdf>. Acesso em: 16 de jul. 2024.

DAMATTA, Roberto. **Você sabe com quem está falando**. Carnavais, malandros e heróis, v. 3, 1979.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. (Vol. 7).

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

DUARTE, Terezinha Couto. Saudação a S. Antônio. **Revista Itaytera**, Crato, n. 23, 1979.

FÉ e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 01 jun. 1988.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. **Os homens que faziam o Tupinambá Moer: experiência e trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. p. 42.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. O folclore no Cariri. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962; e CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A Construção da “Cidade da Cultura”**: Crato (1889-1960). Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

FUNES, Eurípedes A. **Nasci nas Matas nunca Tive Senhor – história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Resgate (Revista Interdisciplinar de Cultura). Campinas, p.138, n. 7, 1997.

FRAZER, Sir James George. **O Ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREYRE, Gil. **Casa-grande e senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez, 2000.

GAMBOSO, Vergílio. **Vida de Santo Antônio**. Aparecida-SP: Santuário, 1994.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Secult conclui revitalização do Casarão Hotel**. 2022. Disponível em: <https://barbalha.ce.gov.br/informa/1552/secult-conclui-revitaliza-o-do-casar-o-hotel>. Acesso em: 09 out. 2024.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte de Escola**. Responsabilidade compartilhada na formação de público. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP: São Paulo, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IPHAN-CE. **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Organização Igor de Menezes Soares ; Ítala Byanca Moraes da Silva. Fortaleza: Iphan, 2013.

IPHAN-CE. **Dossiê de registro: festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2015.

LIMA, Gorete Pereira Amorim. Gorete Pereira Amorim Lima. **Entrevista** [09 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira dos Santos. Barbalha, 2003.

LIMA, Rossini Tavares de. **A Cultura Popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

MARTINS FILHO, A.; GIRÃO, R. **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

MOTT, Luiz. **Santo Antônio. O divino capitão-do-mato**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NASCIMENTO, José Clewton. Rescala no Ceará (1941): apontamentos sobre a arquitetura tradicional cearense. In: SOARES, I. de M.; SILVA, Í. B. M. da (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Fortaleza: Iphan, 2014. v.1, p. 415-439.

NEVES, Napoleão Tavares. **Pequena história da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha**. Barbalha-CE, 1988.

NOGUEIRA, R. C. dos Santos. **Contribuições da educação patrimonial na escola de ensino médio de tempo integral Virgílio Távora no fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade de Barbalha-CE**. Dissertação (Mestrado) – MPEDU, Universidade Regional do Cariri, 2021.

OLIVEIRA, Antônio Glauber Alves. **Para Além do sagrado: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE**. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, Almir de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1835-1861)**. Compilação das Leis Provinciais do Ceará - compreendendo os anos de 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Ed. fac-sim. Fortaleza: INESP, 2009.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. **Correspondência de Luís da Câmara Cascudo: arquivos da criação e redes de sociabilidade intelectual**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13092016-134518/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

PAU de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, p.5, 7 jun. 1987.

PEIXOTO, Pedro Fernando Viana. **A festa de Santa Quitéria de Frexeiras: memórias das festas e Romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns-PE**. 2024. 76f. Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado Profissional em História, 2024.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 208 p., 2011.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: [s.n.], 1950.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.

PRACIANO, Ivonildo. **Festa de Santo Antônio tem o mesmo cheiro de terra**. O Povo. Fortaleza, 02 jun. 1993.

PROSAS. **Escola de Saberes Tradicionais de Barbalha**. Disponível em: https://prosas.com.br/empreendedores/33050#!#tab_vermais_descricao. Acesso em: 28 abr. 2025.

RAÍZES DE CONCRETO. **Palácio 03 de Outubro**. Disponível em: <https://raizesdeconcreto3.wixsite.com/barbalha/blank-4>. Acesso em: 09 out. 2024.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Very Nepec, 1996.

QUIXERAMOBIM. **A tradicional festa de Santo Antônio**. O Nordeste. Fortaleza, p.22, 29 jun. 1938.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. **Os homens que faziam o Tupinambá moer**: experiência e trabalho em engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980). 2007. 362f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2007.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo, as festas católicas portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Lidia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins**: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850). 144f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

SANTOS, Rafael Brondani dos. **Santo Soldado**: Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista. In: Simpósio Nacional de História (ANPUH), XXIII, 2005, Londrina. Anais eletrônicos... Londrina: UFPR, 2005. p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0839.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SANTOS, Isabel Dâmaso. **Las fiestas de San Antonio em Lisboa**: Manifestaciones de cultura popular en espacio urbano. Disponível em: <<http://193.147.33.53/selicut/images/stories/actas4/comunicaciones/globalizacion/DAMASO.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **A festa que é a mesma, sendo continuamente outra**: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades. 112f. João Pessoa, 2015.

SILVA, Simone Pereira da. **Festa de Santo Antônio de Barbalha**: usos do passado no século XXI. 2021. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SILVA, Josier Ferreira da. **Santo Antônio de Barbalha**: memórias de festa e fé. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Moraes da. (Org.). Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013.

SILVA, Jane. **Um “Oásis” Chamado Cariri**: Instituto Cultural do Cariri, Natureza, Paisagem e Construção Identitária do Sul Cearense (1950-1970) / Jane Silva. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 267 p. 2019.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. *Tempo*. Rio de Janeiro, n. 11, p. 172. Ver também: SOUZA, Marina de Mello e; VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 95-118, 1998.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE)**: entre o controle e a autonomia (1928-1998). 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

STUDART, Guilherme. Descrição do municipio de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Economica, 1888, t. II, p. 9.

STUDART, Guilherme. Geographia Physica e Politica da Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Minerva, t. XXIV, 1910.

SUASSUNA, Ariano. **A Pedra do Reino**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980.

TRIGUEIRO, Oswaldo Meira. **O Sertão e o Folclore**. Editora Universitária, 1975.

VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antônio na América Portuguesa**: religiosidade e política. Revista USP. São Paulo, n. 57, março/maio 2003.

VIANA, José Ítalo Bezerra. **As muitas artes do Cariri**: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. 257f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2017.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão**: O movimento folclórico brasileiro (1947 - 1964). Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.